

Os comunistas de conselhos entre o New Deal e o fascismo (Bonacchi, 1976)

Fonte HTML: <http://www.aap.be/Pages/Pannekoek-en-1976-Bonacchi.html> /

PDF fonte: <https://articles-nerfvf2cmqpv42a3ar5ppr45.1lib.ch/book/38427077/c06100>

(outro link para Z-Library)

Nos últimos anos, o interesse crescente pelos problemas da década de 1930 trouxe à luz aspectos do movimento operário que tinham sido relegados ao esquecimento pela historiografia tradicional. Isto é especialmente verdadeiro para os comunistas de conselhos¹ que, numa América perturbada pela Grande Depressão, procuraram renovar um projecto político que tinha sido esmagado na Europa. Embora já tenham havido numerosos estudos sobre os Trabalhadores Internacionais do Mundo (IWW) no contexto duro e violento das fábricas americanas antes da Segunda Guerra Mundial², ainda não houve qualquer investigação aprofundada sobre a convergência dos remanescentes do IWW e do comunistas de conselhos.

¹Em sua introdução aos volumes reimpressos de *New Essays*, o órgão teórico dos comunistas de conselho (publicado pela Greenwood Reprint Corp., Westport, Connecticut, 1970), Mattick descreve a matriz política da qual vieram os membros do grupo editorial. segue: Esta série de publicações, que apareceu durante os anos de 1934 a 1943 sob o título *Correspondência do Conselho Internacional*, mais tarde renomeada como *Marxismo Vivo*, e finalmente *Novos Ensaio*s, expressava as ideias políticas de um grupo de trabalhadores americanos preocupados com a luta de classe proletária, as condições de depressão económica e de guerra mundial. Autodenominando-se Comunistas de Conselho, o grupo estava igualmente distante do Partido Socialista tradicional, do novo Partido Comunista e dos vários partidos de “oposição” que estes movimentos criaram. Rejeitou as ideologias e os conceitos organizacionais dos partidos da Segunda e da Terceira Internacionais, bem como os da natimorta Quarta Internacional. Baseado na teoria marxista, o grupo aderiu ao princípio da autodeterminação da classe trabalhadora através do estabelecimento de conselhos de trabalhadores para a captura do poder político e a transformação do sistema capitalista num sistema socialista de produção e distribuição. Poderia ser considerada, portanto, apenas como uma organização de propaganda que defendia o autogoverno da classe trabalhadora... Os poucos alemães no grupo americano vieram do movimento do conselho alemão. A grande maioria eram trabalhadores nativos, e aqueles com formação política vinham dos Trabalhadores Industriais do Mundo ou da ala esquerda do Partido Proletário - o mais “americano” dos três grupos socialistas que disputaram a aceitação russa como o Partido Comunista “oficial” (pp. I, VII-n).

²A “descoberta” do carácter objectivamente avançado e subversivo da ala (não por acaso) menos “europeia” e menos “ideológica” do movimento operário americano – o IWW – é um acontecimento recente. Cf. Mario Tronti, “Trabalhadores e Capital”, *Telos*, 14 (Inverno de 1972), pp. 25-62. Uma série de observações preliminares também pode ser encontrada em Patrick Renshaw, *The Wobblies: The Story of Syndicalism in the United States* (Nova York, 1967) e em GDH Cole, *A History of Socialist Thought* (Nova York, 1960), Vol. III. Um perfil alerta e interessante da história do movimento americano pode ser encontrado em Daniel Guérin, *Le Mouvement Ouvrier aux Etats Unis* (Paris, 1970). Uma fonte rica - mesmo que inteiramente dentro da tradicional perspectiva reducionista “sindicalista” - para o estudo das lutas trabalhistas americanas é fornecida nos volumes de Boyer e Morais, *Storia del movimento operaio negli Stati Uniti* (Bari, 1974) e de Irving Bernstein, *Os anos magros. Uma História do Trabalhador Americano* (Baltimore, 1960). Menos tradicional é o estudo de Jeremy Brecher, *Strike! A verdadeira história da insurreição em massa na América* (São Francisco, 1972).

De um modo geral, a perda progressiva de influência daqueles definidos como “os subversivos mais perigosos alguma vez levantados em solo sagrado americano”³sobre o proletariado americano após a Primeira Guerra Mundial, remonta à incongruência da sua “falta de organização” estratégica⁴com as mudanças impostas ao proletariado americano. capital e trabalho pelos verdadeiros vencedores da guerra: as principais indústrias automobilística, siderúrgica e de borracha⁵.

Paradoxalmente, foi o seu genuíno “americanismo” que levou os Wobblies a rejeitar qualquer tipo de proposta “política” (mesmo a de De Leon) como estranha às necessidades da enorme maioria dos seus membros, em grande parte não qualificados e

³Esta descrição foi feita pelo procurador-geral de Woodrow Wilson, Mitchell Palmer, destinado a entrar para a história por seus ataques contra radicais - especialmente a IWW - e por ter ordenado a prisão de seis mil pessoas em 1º de janeiro de 1920. Nesta última ocasião, ele declarou: "Como um incêndio na pradaria, o fogo da revolução estava varrendo todas as instituições da lei e da ordem há um ano. Estava abrindo caminho para as casas dos trabalhadores americanos, suas línguas afiadas de calor revolucionário lambiam os altares de igrejas, saltando no campanário do sino da escola, desmoralizando nos cantos sagrados dos lares americanos, buscando substituir os votos de casamento por leis libertinas..." Citado em Robert Goldston, *The Great Depression* (Indianapolis, 1969), p. 16. Uma ampla documentação das lutas trabalhistas americanas durante a Primeira Guerra Mundial, especialmente em 1919 (ano que testemunhou a "massificação" da rebelião contra o sindicalismo artesanal da AFL e, ao mesmo tempo, a perda progressiva do papel de liderança por aqueles que foram sua vanguarda, os Wobblies), podem ser encontrados em Samuel Yellen, *American Labor Struggles* (Nova York, 1936). Veja também *A História da Violência na América*, ed. Hugh D. Graham e Ted R. Gurr (Nova York, 1969); Sylvia Kopald, *Rebelião nos Sindicatos Trabalhistas* (Nova York, 1924); Robert K. Murray, *susto vermelho. Um Estudo Nacional sobre Histeria Nacional, 1919-1920* (Nova York, 1964).

⁴Para a matriz claramente "trabalhista" da oposição da ala mais radical do IWW (os líderes da Federação Ocidental de Mineiros, defensores do sindicalismo industrial como Big Bill Haywood, Vincent St. John e Charles H. Moyer) para " organizações políticas que não sejam as directamente relacionadas com as lutas nas fábricas - uma oposição não só contra o Partido Socialista, mas também contra o Partido Trabalhista Socialista de De Leon - cf. Renshaw, *op. cit.*, pp. 42-74.

⁵Ainda não investigadas estão as mudanças na composição de classes do proletariado americano que acompanharam o deslocamento (acelerado pela guerra) do centro de gravidade do desenvolvimento capitalista de atividades produtivas com baixa composição orgânica de capital (as indústrias têxteis e de vestuário, e a mineração). indústria à indústria pesada. Sobre a relação de “pré-figuração” entre as lutas das indústrias mais importantes do período pré-guerra (mineração e ferrovia) e aquelas desenvolvidas na indústria siderúrgica imediatamente após a guerra, cf. Gerald G. Eggert, *Disputas Trabalhistas Ferroviárias; O Início da Política de Greve Federal* (Ann Arbor, 1967), e as reflexões do mais importante militante das organizações ferroviárias, em *Escritos e Discursos de Eugene Victor Debs* (Nova York, 1948). De grande interesse, no que diz respeito ao processo de concentração e monopolização dos EUA após a Primeira Guerra Mundial, é o relatório de 1939 do Superintendente de Documentos (Washington, DC, VII) para o Comitê de Recursos Nacionais com o título, *A Estrutura da Economia Americana*, sob a direção de Gardiner O. Means que, junto com Adolf Berle, foi coautor de *The Modern Corporation and Private Property* (Nova York, 1932).

desprovidos de qualquer tradição organizacional ⁶. Este americanismo foi formado a partir do confronto com a nova realidade da Revolução de Outubro, juntamente com a emergência de uma “nova classe trabalhadora” nas indústrias de base. Tendia a cair em formas de organização mais tradicionalmente “políticas” e a abandonar as fábricas ao sindicalismo puramente industrial do CIO, que a IWW uma vez ameaçou perturbar ⁷. A práxis revolucionária proclamada em teoria pelos “intelectuais europeus”, superando a separação entre as lutas económicas e políticas ⁸, não parecia provável que se tornasse uma realidade de massas – nem mesmo num país onde a concentração industrial proporcionasse condições mais favoráveis para uma revolução dos trabalhadores. O facto de o New Deal de Roosevelt ter tido tanto sucesso na “politização” de um movimento laboral tradicionalmente pouco inclinado a estender a luta para além das fronteiras fabris pode ser atribuído à inadequada politização “materialista” durante as greves pré-Primeira Guerra Mundial lideradas pelos Wobblies ⁹.

⁶Além de Renshaw, *op. cit.*, para a atividade do IWW entre vagabundos e imigrantes que não eram qualificados e tinham extrema mobilidade - portanto impossível de ser abordado pela AFL organizada de acordo com as tradições mais reacionárias do sindicalismo artesanal - ver PF Brissenden, *o IWW ; Um Estudo do Sindicalismo Americano* (Nova York, 1957). Sobre o mais "europeu" dos participantes proeminentes no congresso de fundação da IWW (Chicago, 1905), ver as observações de Cristiano Camporesi em "Marxismo e sindicalismo in Daniel de Leon", em A. Zanardo, ed., *Storia del marxismo contemporâneo* (Vol. XV de *Annali Feltrinelli*, Milão, 1974), pp. 615-42, e a breve introdução de M. Salerno à tradução de parte de um discurso proferido por De Leon no Congresso de Chicago, em *Problemi del Socialismo*, 2-3 (1971), pp. 321-325.

⁷Sobre as diversas organizações, muitas vezes sectárias e dogmáticas, que disputavam o direito de serem proclamadas *Partido Comunista Americano* - por exemplo, o Partido Comunista da América e o Partido Comunista Trabalhista de John Reed, que em 1921 se tornou o Partido dos Trabalhadores da América (para não mencionar ser confundido com o Partido dos Trabalhadores Americanos trotskista um pouco mais tarde) - ver Theodor Draper, *American Communism and Soviet Russia* (Nova Iorque, 1960), e do mesmo autor, *The Roots of American Communism* (Nova Iorque, 1957). Ver também Karsh e Garman, "The Impact of the Political Left", em Milton Derber e Edwin Youngs, orgs., *Labor and the New Deal* (Madison, 1957). Sobre a separação da ala esquerda do antigo Partido Socialista após a Revolução de Outubro, ver Daniel Bell, "The Background and development of Marxian Socialism in the United States", em *Socialism and American Life* (Princeton, 1952); David A. Shannon, *Partido Socialista da América* (Nova York, 1955); John H. Laslett, "Socialismo e o Movimento Trabalhista Americano: Algumas Novas Reflexões", *História do Trabalho*, 8 (primavera de 1967); VO Key, *Política, Partidos e Grupos de Pressão* (Nova York, 1959). Sobre a penetração comunista nos sindicatos, cf. David J. Saposs, *Left Wing Unionism* (Nova York, 1959) e seu *Communism in American Unions* (Nova York, 1959); Max Kempelmann, *O Partido Comunista vs. o CIO* (Nova Iorque, 1959); Earl Latham, *A controvérsia comunista em Washington* (Cambridge, 1966). Sobre a influência do trotskismo no movimento comunista americano, ver James P. Cannon, *The History of American Trotskyism* (Nova York, 1944), RCE James, "The Purge of the Trotskyists from the Teamsters", in *Western Political Quarterly*, 19 (Março de 1966). Sobre a "acção directa" dos Wobblies (sabotagem, paragem da produção, piquetes militantes) em fábricas de cidades dominadas por imigrantes, cf. William D. Haywood, *Bill Haywood Book*, Nova York, 1929); E. Gurley Flynn, *Sabotagem* (Cleveland, 1915); Ralph Chaplin, *vacilante* (Chicago, 1948).

⁸Cf. Karl Korsch, "Sobre o Programa do 'Partido dos Trabalhadores Americanos'", em *Correspondência do Conselho Internacional*, 4 (janeiro de 1935), pp. 15-25.

⁹Sobre a luta pela redução da jornada de trabalho levada a cabo pelo IWW, cf. Marion C. Cahill, *Horas mais curtas: um estudo do movimento desde a Guerra Civil* (Nova York, 1932).

Começando com os ataques de Palmer, imediatamente após a guerra, os Wobblies gradualmente desapareceram do centro das lutas trabalhistas mais significativas do período: as grandes greves contra a indústria siderúrgica para dismantelar aquela loja aberta e o feudalismo industrial que o IWW havia sido o primeiro a opor-se radicalmente¹⁰. Preocupada com a defesa legal de quase todos os seus líderes e dilacerada por lutas internas entre os apoiantes da centralização e os “descentralizadores” sobre as repercussões ideológicas da Revolução de Outubro, a IWW não conseguiu responder adequadamente às greves¹¹. Ao reiterar teimosamente a sua rejeição histórica de qualquer legalização da luta entre capital e trabalho, a IWW apenas conseguiu retardar a institucionalização da negociação colectiva na indústria siderúrgica, inicialmente procurada por um dos seus ex-membros, William Z. Foster¹².

No entanto, a “primeira greve geral da história americana” – ou seja, a greve de Seattle de 1919, que foi caracterizada por uma solidariedade militante entre trabalhadores qualificados e não qualificados, organizados e não organizados, das indústrias metalúrgicas locais – ainda reflectia a presença activa dos Wobblies¹³.

¹⁰Sobre a violência da resposta do governo à grande onda de greves do pós-guerra, cf. Alexander M. Bing, *Ataques em tempo de guerra e seu ajuste* (Nova York, 1921); G. Taylor, "An Epidemic of Strikes in Chicago", em *The Survey*, 42 (agosto de 1919); "Strike Investigation", em *Idade do Ferro* (5 de fevereiro de 1920), pp. 632-661. Cf. também Boyer e Morais, *op. cit.*, pp. 208-315.

¹¹Sobre o julgamento da IWW por “propaganda militarista ativa” (a mesma razão pela qual Frank Little foi linchado) em Chicago em 1918, cf. Renshaw, *op. cit.*, pp. 181-209. Sobre a luta que percorre toda a história da IWW entre os defensores da autonomia absoluta de secções “deslocadas” - segundo eles - em situações de classe demasiado diversas para serem colocadas sob o controlo de Chicago e os defensores de uma homogeneização de várias actividades da IWW, ver B. Cartosio, "Nota e documentos sugli Trabalhadores Industriais do Mundo", *Primo Maggio*, 1 (junho-setembro de 1973), p. 43.

¹²Sobre o desenvolvimento de Foster desde sua polémica com o deputado de Haywood, Joseph Ettor, a respeito do dual sindicalismo e a "necessidade de destruir a AFL" (Ettor) até a fundação da Liga Educacional Sindical e a tentativa de liderar a AFL para organizar trabalhadores em grande escala das indústrias de base e, finalmente, à sua conversão ao comunismo, veja o perfil (*exnegativo*) oferecido por Ole Hanson, *Americanismo vs. Bolchevismo* (Nova Iorque, 1920); e as observações de Guerin no *op. cit.*, pp. 45-63.

¹³Brecher, *op. cit.*, pág. 96. A greve dos estaleiros paralisou toda a cidade durante cinco dias e deu vida a um exemplo concreto de “gestão operária”. Apesar da fundação dos “conselhos de soldados, marinheiros e trabalhadores” pela IWW e pelo Metal Trades Council, a liderança não era de uma vanguarda, mas de todo o proletariado urbano. Cf. Robert Friedheim, *A Greve Geral de Seattle* (Seattle, 1964); Wilfrid Crook, *A Greve Geral* (Chapel Hill, 1951) e seu *Comunismo e a Greve Geral* (Hamden, 1960); Harvey O'Connor, *Revolution in Seattle* (Nova York, 1964); AL Strong, *The Seattle General Strike* (reimpressão Root and Branch, Cambridge, 1972). Na verdade, o esforço unido de massas dos trabalhadores impediu o embarque de armas destinadas ao almirante Kolchak e distribuiu centenas de milhares de panfletos anunciando a Revolução Russa. Sobre a greve da polícia de Boston, que foi o momento culminante da onda de greves que se seguiu à explosão em Seattle – que então parecia puramente bolchevique – cf. A. Warner, "The End of Boston's Police Strike", *The Nation*, 20 de dezembro de 1919. Sobre as grandes greves siderúrgicas de 1919 (contra Carnegie Steel Co., US Steel Co. e 'Little Steel' - um consórcio de empresas menores empresas siderúrgicas como Belém) - um ataque lançado pelas enormes massas de trabalhadores não qualificados contra as tradições de não-sindicalismo nos gigantes deste campo e, ao mesmo tempo, contra o sindicalismo artesanal da AFL - cf. William Z. Foster, *A Grande Greve do Aço e suas Lições* (Nova York, 1920); Movimento Mundial Intereclesial, *Relatório sobre a Greve do Aço de*

especialmente nos seus métodos de luta e propaganda. Mas a partir de então, em vez de se tornar a organização trabalhista de massas prevista pelos defensores do sindicalismo industrial ¹⁴, a IWW começou a perder o seu papel histórico como organização proletária radical. A mesma espontaneidade de massa que muito contribuiu para o sucesso da IWW na defesa do Movimento pela Liberdade de Expressão (que exigia a extensão às fábricas das liberdades constitucionais) começou a crescer e a afirmar-se na sociedade civil. A IWW, no entanto, não foi capaz de responder às novas exigências prefiguradas pelas greves siderúrgicas e pelo desmembramento do antigo Partido Socialista Americano como resultado dos ataques do Comintern.

O choque dentro do movimento operário entre os “guardiões ciumentos”¹⁵ de uma tradição nativa genuína mas pequena de lutas operárias e aqueles que foram rapidamente rotulados de “seguidores dogmáticos das directivas de Moscovo” ocorreu como resultado da tentativa de aplicar a doutrina de Lenine às condições dos EUA. Além de criticar os comunistas de esquerda alemães e holandeses no *Comunismo de Esquerda*, Lenin também atacou os Wobblies. A partir do momento em que se tornou uma alternativa potencial à AFL, a IWW enfatizou a necessidade do duplo sindicalismo ¹⁶. A abordagem de Lenine, que procurava reprimir qualquer tentativa de encontrar novas organizações revolucionárias e, em vez disso, de penetrar nas organizações trabalhistas oficiais, estava fadada ao fracasso ¹⁷. A “Grande Depressão” do movimento operário americano da década de 1920 mostra os efeitos da introdução de novas “energias revolucionárias” comunistas no antigo corpo da AFL. Eventualmente, mesmo os “seguidores das directivas de Moscou” tomaram consciência da representatividade decrescente da AFL e decidiram criar organizações autónomas ao longo de linhas

1919 (Nova York, 1920); Kopald, *Rebelião nos Sindicatos Trabalhistas*, op. cit. ; James Morris, *Conflito dentro da AFL* (Ithaca, 1958). Para a atitude dos gerentes na indústria siderúrgica, consulte J. Garraty, "The United States Steel Corporation versus Labor: The Early Years", *Labor History* 1 (Winter , 1960), e Morris Cool e Philip Murray, *Organized Labour and Production* (Nova York, 1940).

¹⁴Para material que trata de Eugene Debs como proponente da ideia de sindicalismo industrial, ver Daniel Guerin, *Le Mouvement Ouvrier aux Etats Unis*, op. cit., pp. 21-30, e Milton Derber, "The Idea of Industrial Democracy in America, 1898-1915", em *Labor History* 7 (outono, 1966).

¹⁵T. Wolfson e A. Weiss, *Sindicalismo Industrial no Movimento Trabalhista Americano* (Nova York, 1935), p. 163.

¹⁶Sobre as diferenças que colocam o IWW contra Foster e Debs - este último um forte defensor da necessidade de superar tanto o "minoritarismo" dos Wobblies quanto o "corporativismo" da AFL em prol de uma grande organização trabalhista de massa - ver Ray Ginger, *a cruz de venda automática. Uma biografia de Eugene Victor (Gene) Debs* (New Brunswick, 1949).

¹⁷Esta estratégia foi imediatamente aceite pelos comunistas americanos sob a liderança de Foster, o director da Liga Educacional Comercial, que a viu como uma solução definitiva para o dilema que tem caracterizado o movimento trabalhista americano desde a sua estreia com os Cavaleiros do Trabalho. Cf. Guerin, op. cit., pp. 21-25.

sindicais industriais (as Ligas Sindicais Trabalhistas). Naquela época, porém, já era tarde demais, pois o rompimento entre os comunistas e o IWW já havia ocorrido ¹⁸.

A luta contra as tentativas de impor o modelo soviético nos EUA ocorreu num contexto significativamente diferente daquele obtido na Europa. Neste último – particularmente na Alemanha, sobrecarregada como estava pelo Tratado de Versalhes – as graves consequências da guerra impediram uma resposta capitalista rápida à crise revolucionária ¹⁹. Na América, por outro lado, o capitalismo lançou com sucesso uma poderosa contra-ofensiva a partir dos redutos do feudalismo industrial (as indústrias básicas que a AEL considerou impenetráveis) contra as “jóias” do sindicalismo industrial – isto é, o sindicalismo industrial, os Trabalhadores Mineiros Unidos e os Trabalhadores do Vestuário Amalgamados da América. O declínio dos únicos sindicatos norte-americanos com direito à negociação colectiva e as suas difíceis lutas para evitar a reintrodução da loja aberta e dos sindicatos de empresa durante o declínio anterior à Depressão não desencadeou quaisquer novas saídas organizacionais. O fracasso dos grandes contra a US Steel não se deveu simplesmente à força dos proprietários, mas também ao corporativismo cego da Associação Amalgamada dos Trabalhadores do Ferro, do Aço e do Estanho ²⁰ e de outras organizações trabalhistas reformistas. A esterilidade da década de 1920 também teve muito a ver com a “Pequena Depressão” de 1921-22, a reentrada massiva do “Exército de Pinkerton” nas fábricas e o crescimento do sindicalismo amarelo ²¹.

¹⁸ *Ibidem.*, pág. 51. A expressão “seguidores das directivas de Moscovo” é Paynes, que era o director do *Industrial Worker*, o órgão da facção IWW a favor da descentralização. A este respeito, cf. Renshaw, *op. cit.*, pp. 219-222. Naquela época, muitas personalidades importantes da IWW, como Elizabeth Gurley Flynn, Harrison George, George Andrejcin, Bill Haywood, Charles Asleigh, George Hardy, Sam Scarlett e Roy Brown, haviam aderido ao Partido Comunista.

¹⁹ Para uma exposição simples e sintética dos factos salientes da Revolução Alemã, ver E. Collotti, “La rivoluzione tedesca”, em *Storia delle rivoluzioni del XX secolo* (Roma, 1966), pp. 622-668. Pode-se encontrar uma análise mais detalhada dentro deste quadro geral em *Die illustrierte Geschichte der deutschen Revolution* (Frankfurt am Main, 1970).

²⁰ Esta era uma associação da AFL que representava cinquenta ou mais sindicatos de trabalhadores especializados em aço e ferro. Sobre as greves dos mineiros, ver McAlister Coleman, *Men and Coal* (Nova Iorque, 1943); Sylvia Kopald, “Por trás da greve dos mineiros”, *The Nation*, 22 de novembro de 1919; Winthrop D. Lane, *Guerra Civil na Virgínia Ocidental* (Nova York, 1921). Os sindicatos dos mineiros perderam quase metade dos seus membros (também por causa da crise da indústria que, ao longo da década de 1920, sofreu uma queda significativa na produção e no emprego), e os sindicatos da indústria do vestuário diminuíram quase um terço em relação a 1920. Cf. Peterson, *op. cit.*, pp. 33-34.

²¹ Sobre o uso de detetives particulares em greves como espões e homens fortes para a classe dominante ao longo do desenvolvimento do capitalismo dos EUA, ver o Relatório nº 2.447 da Câmara dos Representantes dos EUA, “Employment of Pinkerton Detectives” (citado em Yellen, *American Labor Struggles*, *op. cit.*); Leon Wolff, *bloqueio. A história da greve de Homestead de 1892: um estudo sobre violência, sindicalismo e o Império Carnegie Steel* (Nova York, 1965); Louis Adamic, *Dinamite. A história da violência de classe na América* (Chicago, 1937). Sobre a estreita ligação entre as extorsão, o gangsterismo e certos sindicatos, cf. ED Sullivan, *This Labour Union Racket* (Nova York, 1936). Sobre a

Durante esse período, mesmo os confrontos com posições semelhantes que rejeitavam o modelo organizacional bolchevique e o plano da Terceira Internacional de reentrar no seio dos sindicatos e dos partidos reformistas não conseguiram reabrir quaisquer discussões organizacionais dentro da IWW. Os contactos com comunistas de esquerda alemães e holandeses que também partilhavam uma perspectiva antibolchevique foram estabelecidos através dos escritórios de Amesterdão e Berlim, mas não deram em nada ²². A rejeição do partido, que tinha sido mais inflexível entre os trabalhadores da IWW no Noroeste Pacífico²³, reflectia a influência de um tipo de trabalhador historicamente ultrapassado, que estava a ser rapidamente substituído por um novo tipo.

O congresso da IWW em Chicago em 1924 (realizado exatamente um ano após a malsucedida greve de Centralia, Oregon²⁴) apenas confirmou sua paralisia. Os “descentralizadores” do Programa de Emergência conseguiram expulsar do Conselho Executivo Geral aqueles que apoiavam o fortalecimento do órgão executivo central e que estavam inclinados a dialogar com os emissários da Terceira Internacional. Mas depois disto, encontraram-se sem nada para fazer senão gerir a partir do escritório de Chicago e das colunas do *Industrial Worker* ²⁵o que restava do “espírito indomável da rebelião dos trabalhadores” que durante tanto tempo foi sinónimo dos Wobblies. Embora as greves de carvão de 1927 no Colorado e no “maldito Harlan” ²⁶(empreendidas pelas seções do Leste e Centro-Oeste fiéis a Chicago) indicassem que o IWW não estava totalmente morto, ainda assim, muito antes da Lei Taft-Hartley de 1947 colocá-los fora do mercado por bom ²⁷, os Wobblies deixaram de ser uma força importante no trabalho americano, apesar do activismo visível de muitos antigos

Internacional de Amesterdão e Berlim e os conflitos com o Comintern, cf. HM Bock, *Syndikalismus und Linkskommunismus von 1918-1923* (Meisenheim am Glan, 1969), pp. 334-340. Sobre o papel desempenhado por um ex-Wobbly, o sindicalista industrial Fritz Wolffheim, na fundação da "Internationale Arbeiter Assoziation" (IAA) de Amsterdã-Berlim e do KAPD, ver Enzo Rutigliano, *Linkskommunismus e rivoluzione in occidente* (Bari, 1974) .), pp. 26-27.

²² **Nota não encontrada.**

²³ Cf. Renshaw, *op. cit.* , pp. 212-257.

²⁴ A greve na indústria madeireira em Oregon, convocada pelos “descentralizadores” de Payne em setembro de 1923, concluiu na divisão entre a seção de Centralia e outras seções que se recusaram a apoiá-la. Sobre isso ver Renshaw, *op. cit.* , pág. 227.

²⁵ O *Trabalhador Industrial* se opôs à *Solidariedade Industrial* de Vern Smith , que era mais simpática ao diálogo com a Internacional.

²⁶ Sobre a luta nas minas de carvão de Harlan, Kentucky, por quase 18.000 mineiros e o papel que a IWW desempenhou nela, cf. John S. Gambs, *O Declínio do IWW* (Nova York, 1932).

²⁷ A lei Taft-Hartley, aprovada em Junho de 1947, que “regulava” o direito à greve e os termos legais da representatividade dos sindicatos, significou de facto a ilegalização de organizações como a IWW e rejeitou absolutamente qualquer institucionalização das lutas laborais. nas fábricas.

membros do Conselho Executivo Geral que continuaram a lutar pela causa trabalhista ²⁸. Assim, os militantes europeus que emigraram para os EUA por causa da fracassada “acção de Março” na Alemanha ou por causa da ascensão de Hitler ao poder, encontraram-se eles próprios como guardiões de uma tradição necessitada de protecção, em vez de expoentes de uma organização próspera.

Para compreender as razões pelas quais os comunistas de esquerda da Europa Central escolheram emigrar para os EUA, é necessário resumir a sua tradição política e teórica. Proclamando com confiança a “crise fatal do capitalismo” e a subsequente “revolução mundial dos trabalhadores ²⁹”, eles viam os EUA como o país capitalista mais forte com a tradição laboral mais radical (a IWW) – portanto, como proporcionando as condições ideais para o rápido desenvolvimento daquela autonomia de classe que na Europa tinha sido prejudicada pelo atraso estrutural do capitalismo e pela tradição de reformismo do movimento operário.

Nos debates dentro da facção maioritária do Partido Comunista Alemão (KPD) – transformado no Partido Comunista Alemão dos Trabalhadores/Trabalhadores (KAPD) depois de romper com Paul Levi no Congresso de Heidelberg de 1919 – todos os lados aceitaram uma tese central: a teoria do colapso inevitável do capitalismo (*Zusammenbruchstheorie*) – A posição teórica do KAPD ³⁰, de facto, definia o partido como o instrumento revolucionário da classe trabalhadora numa situação caracterizada pelos estertores da morte do capitalismo. Este estado de coisas é provocado pelo que Luxemburgo chamou de “saturação do mercado” e é acelerado ao nível das fábricas através da AAU (Organização Autónoma dos Trabalhadores) por uma luta económica que o sistema já não consegue controlar através de organizações trabalhistas reformistas. Foi este fatalismo que colocou os comunistas de esquerda contra a Terceira Internacional e que forçou Lénine, no seu *Comunismo de Esquerda* , a usar todo o seu peso contra o que gradualmente aparecia como uma heresia perigosa dentro do

²⁸Um bom exemplo disso é Elizabeth Gurley Flynn, que permaneceu ativa no comitê de defesa de Sacco e Vanzetti. Cf. Boyer e Morais, *op. cit.* , pp. 342ss.

²⁹"Aus der Leitsätzen der 'Kommunistischen Arbeiter-Internationale' (KAI)", em Bock, *op. cit.* , pp. 423-427.

³⁰"Programm der 'Kommunistischen Arbeiter-Partei Deutschlands' (KAPD) vom Mai 1920", em *ibid.* , pp. 407-417.

movimento comunista. Infelizmente, esta luta culminou na bolchevização do Partido Comunista Alemão e na subsequente saída de todos os seguidores de Luxemburgo ³¹.

As diferenças entre os próprios comunistas de esquerda – que levaram à ruptura da AAU-E com a AAU e à divisão do KAPD em Março de 1922 – também tiveram as suas raízes na teoria do crash. Inspirada pelas posições antipartidárias radicais de Rühle ³², a AAU-E baseou-se na tese fundamental dos ultra-esquerdistas: o carácter imediatamente político das lutas económicas numa fase em que a sobrevivência capitalista só é possível com o empobrecimento absoluto das massas trabalhadoras. A divisão de Março de 1922, que resultou em dois KAPD, cada um com a sua própria imprensa e centro organizacional (o KAPD de Essen e o KAPD de Berlim), baseou-se em duas interpretações diferentes do conceito de “crise fatal”³³.

A discussão da teoria do crash também passou a envolver os comunistas de conselhos, que eram os herdeiros do pensamento dos comunistas de esquerda ³⁴. O relatório do comité central do KAPD, que antecipou a criação de uma nova Internacional Comunista³⁵ enquanto se aguarda a revolução mundial iminente, não expressou a posição de todo o partido, mas, pelo contrário, representou a perspectiva da ala “intransigente”, liderada pelo comité central por si e pelos líderes do grupo de Berlim. Opondo-se a isto estava a facção liderada pelo *Geschäftsführender Hauptausschuss*, que defendia limitar as tarefas do partido à consolidação interna, a fim de enfrentar as forças capitalistas em reagrupamento (que estavam longe de entrar em colapso). (Esta facção incluía um dos futuros fundadores do comunismo de conselhos,

³¹Para os acontecimentos relativos à fundação do "Kommunistische Partei Deutschlands (Spartakusbund)" e às suas sucessivas transformações, cf. *ibid.*, pp. 87-139.

³²Otto Rühle, *Die Revolution ist no Parteisache* (Berlim, 1920).

³³Na verdade, o problema teórico de organização levantado pela AAU-E nunca foi abordado. Referia-se à aceitação acrítica de uma espécie de leninismo que, enquanto partido separado da organização económica e sindical mas acima dela, se mostrava incapaz de levar a cabo a sua crítica aos elementos kautskyianos e hilferdingianos na teoria leninista da organização e do imperialismo. Este problema foi momentaneamente posto de lado com a reentrada de Rühle no Partido Socialista Alemão. Cf. Otto Rühle, *Grundfragen der Organization* (Frankfurt am Main, 1921).

³⁴Sobre a desintegração das organizações comunistas de esquerda e sobre a formação de pequenos grupos de comunistas de conselhos dentro do KAPD e - com algumas diferenças - dentro do Partido Comunista dos Trabalhadores Holandês, cf. Bock, "Zur Geschichte und Theorie der holländischen marxistischen Schule", introdução a Anton Pannekoek e Hermann Gorter, *Organization und Taktik der proletarischen Revolution* (Frankfurt am Main, 1969).

³⁵Cf. B. Reichenback, "Zur Geschichte der KAPD", em *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, vol. 13 (1928), pp. 117ss.

Anton Pannekoek, que – já se opunha à teoria luxemburguesa do crash – estava então a desenvolver uma nova crítica às versões mais recentes dessa teoria.³⁶⁾

A rejeição de Pannekoek da teoria do crash expressou a sua própria abordagem voluntarista da teoria da revolução, baseada no “espírito” dietzgeniano do proletariado³⁷. Esta foi a base da sua crítica ao “fatalismo” de Kautsky e ao “determinismo económico” de Luxemburgo. A crítica da própria Luxemburgo ao Partido Social-Democrata Alemão e à Segunda Internacional baseou-se na ligação que ela via entre a lógica do modo de produção e a do projecto revolucionário³⁸. Mas a oposição de Pannekoek, Herman Gorter e Henriette Roland Holst à concepção “mecanicista” de Kautsky do processo revolucionário e da sua organização começou com o factor subjectivo da “criatividade” e da “autonomia.”³⁹ Esta fê dogmática e basicamente

³⁶Alguns anos depois, esta mesma questão inspirou uma polémica animada nas páginas do *Rätekorrespondenz* entre Pannekoek e Mattick. O alvo polémico de Pannekoek foi Henryk Grossmann e sua concepção da natureza automática do colapso do capitalismo como um sistema económico "independente de toda intervenção e revolução humana" (em Anton Pannekoek, "Die Zusammenbruchstheorie des Kapitalismus", em *Rätekorrespondenz*, 1º de junho, 1934). Pannekoek já tinha criticado a própria teoria do colapso de Luxemburgo (em "Marxistische Theorie und Revolutionäre Taktik", *Die Neue Zeit*, 31 de junho de 1912, pp. 272-281, 365-373). Paul Mattick respondeu a Pannekoek defendendo a teoria de Grossmann com um artigo intitulado "Zur Marx'schen Akkumulations- und Zusammenbruchstheorie", em *Rätekorrespondenz*, 4 de setembro de 1934. Esta polémica troca foi recentemente republicada no volume de Karl Korsch, Paul Mattick e Anton Pannekoek, *Zusammenbruchstheorie des Kapitalismus oder Revolutionäres Subjekt* (Berlim, 1973). Numa entrevista de 1972 com Claudio Pozzoli, Mattick afirmou que a rigorosa reformulação de Grossmann da "crise fatal" do capitalismo (*Todeskrisentheorie*) foi recebida na Alemanha "com oposição considerável, até mesmo de Pannekoek, que já havia desafiado tal teoria. Ao criticar o livro de Luxemburgo *The Acumulação de Capital* no *Neue Zeit*, sustentou que toda a teoria do crash era uma concepção errônea originada numa perspectiva puramente económica e que, em vez disso, o elemento determinante era subjectivo: o desenvolvimento da consciência de classe. momento, diante do qual o elemento objetivo desempenhou um papel secundário. Diante da proposta da teoria do crash, ele reafirmou que o problema não era um colapso automático ou mecânico, mas o desenvolvimento da consciência de classe, não no sentido leninista de um vanguarda separada, mas como um reflexo direto da situação transformada na consciência dos próprios trabalhadores. Ele sustentava que os trabalhadores desenvolveram organicamente a consciência de classe em relação à luta de classes. Assim, acabou por desenvolver uma teoria que em última análise é idealista... A auto-educação do proletariado, de facto, deve ser um fenómeno duradouro e intimamente ligado ao desenvolvimento capitalista, cristalizado e intensificado em tempos revolucionários que são, em por sua vez, o resultado objetivo das contradições capitalistas" (Amsterdã, 7 de outubro de 1972: manuscrito).

³⁷Sobre a influência exercida pela teoria materialista do conhecimento formulada por Joseph Dietzgen em *Das Wesen der menschlichen Kopfarbeit* (1869) sobre a concepção activista dos comunistas holandeses, cf. Anton Pannekoek, "Dietzgens Werk", *Die Neue Zeit*, 31 de junho de 1913, pp. 37-47, e Henrietta Roland-Holst, *Joseph Dietzgens Philosophie gemeinverständlich erläutert in ihrer Bedeutung für das Proletariat* (Munique, 1910).

³⁸Cf. Rosa Luxemburgo, "A Greve de Massas, o Partido Político e os Sindicatos", em *Rosa Luxemburgo Fala*, ed. Mary-Alice Waters (Nova York, 1970), pp. 153-281.

³⁹Anton Pannekoek, "Die taktischen Differenzen in der Arbeiterbewegung" e "Der Marxismus als Tat", agora republicado em Anton Pannekoek, *Neubestimmung des Marxismus*, Band 1 (Berlim 1974). Sobre Gorter, veja seu *Der historische Materialismus* (Stuttgart, 1909). Para os conflitos entre Luxemburgo e os teóricos holandeses, cf. Henrietta Roland-Holst, *Rosa Luxemburgo. Ihr Leben und Werken* (Zurique, 1937).

a-histórica no potencial revolucionário das massas levou a diferenças de opinião sobre a viabilidade de abandonar imediatamente as organizações reformistas. Resultou também na criação de uma organização independente da Liga Espartaquista, a *Internationale Sozialisten Deutschlands* de Bremen, que em 1918 mudou seu nome para *Internationale Kommunisten Deutschlands*.

A reunificação das duas alas dos radicais de esquerda – a facção de Luxemburgo e a dos holandeses – ocorreu no Congresso do KPD. A base para isto encontra-se nas teses anti-sindicalistas e antiparlamentares de ambas as alas, bem como nos princípios inspirados no Conselho dos “Comunistas Internacionais Alemães” (já criticados por Luxemburgo)⁴⁰. Mas esta reunificação não implicou que cada facção desistisse da sua existência separada e, até à divisão de 1922, ambas permaneceram dentro do KAPD. A ruptura entre os ramos de Essen e de Berlim ocorreu numa situação de instabilidade revolucionária e sancionou a cristalização de um conflito teórico que, no quadro do programa conciliar dos comunistas de esquerda, envolveu também diferenças práticas.

Gorter, que enfatizou a necessidade de reunificar o KAPD, apoiou a filial de Essen participando na fundação da *Kommunistische Arbeiter-Internationale* (KAI) e iniciando o seu famoso debate com Lenin. Pannekoek, por outro lado, enfatizou cada vez mais as teses já desenvolvidas em *Weltrevolution und kommunistische Taktik* que explicava o lento processo revolucionário nos países ocidentais com referência à hegemonia espiritual da burguesia que, apesar do colapso da sua base económica, ainda era capaz de sobreviver⁴¹. A rejeição de Pannekoek à teoria do crash depois de esta ter sido reafirmada pela facção berlinense levou-o a participar na discussão que ocorreu dentro do KAPN (holandês), criado em 1926 como o “Grupo de Comunistas Internacionais” (Groep van Internationale *Comunistaen*, GIC). A sua tentativa de uma reconstrução antideterminista da teoria económica do comunismo de conselhos deu origem ao esforço teórico final significativo da Escola Marxista Holandesa; o *Grundprinzipien Kommunistischer Produktuion und Verteilung* (princípios

⁴⁰Sobre isso, ver HM Bock, *op. cit.*, pp. 87ss. Para a crítica de Luxemburgo ao abandono imediato das organizações sindicais, cf. *Bericht über den Gründungsparteitag der Kommunistischen Partei Deutschlands (Spartakusbund) de 30 de dezembro de 1918 a 1 de janeiro de 1919* (Berlim, 1919).

⁴¹Cf. Hermann Gorter, *Die Notwendigkeit der Wiedervereinigung der Kommunistischen Arbeiter-Partei Deutschlands* (Berlim, 1923); *Der Weg des Dr. Levi, der Weg der VKPD*, hrsg. von der KAPD (Berlim, 1921); Hermann Gorter, “Die Klassenkampf-Organisation des Proletariats”, agora em Pannekoek e Gorter, *Organization und Taktik der proletariatschen Revolution*, *op. cit.*, pp. 1233-1247.

fundamentais da produção e distribuição comunista)⁴². Atormentado por constantes dispersões e reagrupamentos casuais, desde o epílogo malsucedido da crise de 1923 (o desastre da “teoria da ofensiva”) até a ascensão dos nazistas ao poder, o tema que unifica a esquerda radical da Europa Central pode ser rastreado nos debates sobre a necessidade histórica do socialismo. A explicação de Luxemburgo sobre isto não foi de forma alguma fatalista, pois procurava, em vez de excluir, a “actividade autónoma” (*Selbsttätigkeit*) das massas trabalhadoras. Combinando frequentemente a explicação de Luxemburgo com o enfoque holandês no subjectivismo, os comunistas de esquerda desenvolveram uma crítica ao reformismo como garantia da equivalência cambial entre o capital e a mercadoria-força de trabalho dentro das leis gerais da acumulação capitalista. A base para esta explicação híbrida pode ser encontrada na ligação entre a crise capitalista e a revolução que, por sua vez, fornece a *base objectiva* para a luta dos trabalhadores pela emancipação – algo que Luxemburgo já tinha apontado contra o “evolucionismo optimista” de Kautsky. De acordo com esta interpretação, o reformismo foi um mero produto da fase ascendente do modo de produção capitalista e, portanto, destinado a perecer com ele durante a sua última e “fatal” crise. Mas esta foi também a fonte das suas eventuais críticas à teoria da organização de Lenine, que consideravam derivar de uma visão voluntarista e subjectivista, relegando a criatividade apenas à liderança⁴³.

Reiterando: a formulação luxemburguesa forneceu a base para a teoria da organização do conselho. Tal como no Luxemburgo, a organização era vista como uma expressão da “espontaneidade dos trabalhadores”, constituindo a verdadeira superação daquela divisão entre lutas “económicas” e “políticas” que caracterizou o movimento operário durante o *laissez-faire*, fase ascendente do capitalismo⁴⁴.

⁴²Publicado no órgão teórico dos comunistas de conselho holandeses, o *Rätekorrespondenz*, foi distribuído na Alemanha pelos 343 membros do último grupo sobrevivente de comunistas de esquerda, o KAUD, nascido da união da AAU-E e da AAU que tinha rompido com o KAPD.

⁴³Foi uma interpretação errada do leninismo que, desde o Congresso de Zimmerwald até à Revolução de Outubro, levou Pannekoek e Gorter a alinharem-se com Lenine até que a função do soviete na Rússia fosse reduzida e as directivas do Comintern revelassem aos holandeses a base equívoca sobre a onde se baseava a sua aliança com os bolcheviques. Aliás, este equívoco remonta à vasta influência exercida, mesmo sobre os comunistas de esquerda, pelo *Capital Financeiro de Hilferding*, que forneceu uma base “científica” para a visão de que o capitalismo tinha possibilidades ilimitadas de desenvolvimento e auto-regulação. Sobre a solidariedade dos Holandeses com a “Esquerda Zimmerwald”, que apoiou a resolução de Lenine em Setembro de 1915, cf. Bock, *op. cit.*, pp. 57ss. Sobre a admiração da esquerda holandesa pelas ações de Lênin durante a Revolução Russa - isto é, antes do leninismo se tornar um “modelo” revolucionário - veja o testemunho de Gorter em sua dedicatória a Lênin (“a vanguarda do proletariado mundial”) que aparece em seu *Die Weltrevolution* (Amsterdã, 1918).

⁴⁴A este respeito, ver Korsch, “Gewerkschaftskämpfe, Gewerkschaftseinheit und Einheit der Arbeiterklasse”, em Karl Korsch, *Politische Texte* (Frankfurt am Main, 1974), pp. 146ss.

Este debate político e teórico explica a tentativa de um pequeno grupo de comunistas de conselhos (a maioria dos quais eram imigrantes alemães) de testar, no âmbito da ordem monopolista compacta do capitalismo americano, uma hipótese estratégica que parecia estar demasiado à frente dos tempos na Europa ⁴⁵. Assim, o debate teórico que tinha atormentado primeiro os comunistas de esquerda e depois os comunistas de conselhos mudou-se para os EUA ou, mais precisamente, para os restantes centros activos da IWW.

Devido à falta de qualquer desenvolvimento emancipatório nos movimentos existentes, a estagnação do trabalho americano em 1920 favoreceu a transplantação de experiências políticas estrangeiras para solo americano. Mais tarde, a Grande Depressão ofereceu uma oportunidade excepcional para a consolidação e o desenvolvimento de hipóteses revolucionárias na Europa Central. Na verdade, estes últimos pareciam fornecer as únicas ferramentas úteis para a compreensão das organizações radicais de massa que foram formadas espontaneamente pelos desempregados nas novas realidades de Hooverville, uma vez que as organizações de vanguarda de todo o movimento operário americano foram apanhadas completamente desprevenidas por desenvolvimentos cujas causas e os resultados permaneceram incompreensíveis. Isto também explica o impacto dos militantes alemães ligados à IWW trabalhando no novo *Chicagoer Arbeiter Zeitung*, editado por Mattick ⁴⁶, e o sucesso inicial dos comunistas

⁴⁵Questionado na entrevista de Pozzoli sobre a razão pela qual o “elemento objectivo, ou económico, do colapso” tinha sido o foco central do reagrupamento teórico e político dos comunistas de conselhos que emigraram para os EUA, Mattick explicou isto da seguinte forma: “ Este foi o resultado da nossa experiência na revolução alemã. Mesmo depois de 1923, continuámos a pensar que o capital não era capaz de resolver os seus problemas. Apesar de estarmos perfeitamente conscientes da possibilidade de sempre novos altos e baixos, ainda acreditávamos que a luta de classes em geral se intensificaria e finalmente explodiria em revolução. Com esta experiência vivemos de forma mais ou menos consciente a Grande Depressão. Sentimos o colapso total em nossa carne e sangue, considerando que o sistema então ainda não tínhamos os meios adequados para enfrentar uma crise de tais proporções. Nessa situação tivemos o colapso, por assim dizer, diante dos nossos olhos; vimos milhões de homens em movimento. Pensávamos que se a crise continuasse, seria a crise fatal, pois parecia impossível encontrar uma solução. Agimos muito melhor nesta situação do que quando estamos convencidos de que a crise em curso não é definitiva. *Considerar cada grande crise como a última significa procurar utilizá-la num sentido revolucionário*. Segundo Marx, e também segundo a experiência histórica, toda grande crise social pode, em determinadas circunstâncias impossíveis de prever, conduzir a uma situação susceptível de se tornar uma crise fatal.”

⁴⁶Estes “conselhos de desempregados” desenvolveram-se entre 14 milhões de americanos desempregados, seguindo um modelo já desenvolvido durante a “Pequena Depressão” de 1921-22. Para uma história vista essencialmente na perspectiva da influência comunista no “movimento dos desempregados”, cf. DJ Leab, “United We Eat: A Criação e Organização dos Conselhos de Desempregados em 1930,” *Labor History*, 8:3 (outono de 1967), p. 300. Na entrevista citada anteriormente, Mattick diz: “No início de 1927 mudei-me para Chicago, onde permaneci 15 anos. No início, trabalhei como almoxarife na Western Electric - uma grande empresa com mais de 50.000 funcionários... Muitos dos meus colegas de trabalho eram alemães. Em Chicago havia um movimento operário, mas não no sentido político da palavra: era mais nos moldes de associações atléticas de trabalhadores, grupos de canto, etc., todos vagamente de

nos “conselhos de desempregados”. Foi dentro destas organizações que os defensores da “teoria da crise” tiveram mais sucesso. Foi nas suas reuniões educativas que as suas análises foram rigorosamente desenvolvidas, como Korsch observa favoravelmente numa carta a Mattick ⁴⁷. Aí, empreenderam uma reelaboração crítica da tese luxemburguesa, que mais tarde constituiria a plataforma teórica dos Grupos de Comunistas de Conselho e, depois de 1934, da sua revista *International Council Correspondence*.

Entretanto, a legislação do New Deal estava a ser aprovada. Modelada a partir da Lei Norris-La Guardia do início de 1932, que desferiu um duro golpe no feudalismo industrial, a Secção 7(a) da NIRA alargou o direito à negociação colectiva – até então privilégio de apenas alguns sindicatos – e fixou tanto o máximo número de horas de trabalho e o salário mínimo. Esta lei teve um impacto muito maior do que todos os programas de obras públicas programados pela Lei de Construção e Ajuda de Emergência de 1932. Abriu novas possibilidades muito além do círculo fechado de alternativas previstas por projetos anti-crise patrocinados por empresas, baseados na teoria da auto-estima. -regulamentação e pelos sindicalistas da AFL que enfatizaram a exigência de 30 horas semanais de trabalho (projeto de lei Black) ⁴⁸.

inspiração socialista com sua própria imprensa. No seio do círculo cultural de língua alemã que fundei segundo o modelo destas associações, surgiu a ideia de reviver o antigo *Chicagoer Arbeiterzeitung*, fundado em 1866 por August Speiss e que só deixou de ser publicado em 1866. No início da Primeira Guerra Mundial, depois de ter contado entre os seus colaboradores pessoas como Eugen Dietzgen, procurámos fazer da revista um instrumento de propaganda e acção política... Durante um ano conseguimos publicar uma edição mensal da revista com uma tiragem de 2.000 exemplares. Então, fomos forçados a interromper a publicação por razões financeiras."

⁴⁷No exílio, após uma série de mal-entendidos com o "Institut für Sozialforschung" (Horkheimer, Pollock e o próprio Grossmann), Korsch começou a trabalhar com o grupo de *Correspondência do Conselho Internacional*, do qual se tornou um dos mais assíduos colaboradores "acadêmicos" (como Mattick o definiu). A correspondência entre Korsch e Mattick nos fornece informações valiosas que remontam à época do exílio de Korsch em Danile. Uma seleção de cartas de 1934 a 1939 foi publicada recentemente por M. Buckmiller e G. Langkau em *Arbeiterbewegung. Theorie und Geschichte, Jahrbuch 2: Marxistische Revolutionstheorien*, hrsg. von Claudio Pozzoli (Frankfurt am Main, 1974), especialmente pp. 208-210 (carta de Korsch para Mattick de 27 de março de 1939).

⁴⁸Roosevelt assinou a Lei Nacional de Recuperação Industrial em 16 de junho de 1933. A Seção 7 (a) estabeleceu o "direito dos trabalhadores de se organizar e estipular contratos coletivos por meio de representantes livremente escolhidos, sem qualquer interferência, restrição ou coerção dos empregadores ou de seus agentes"; que nenhum trabalhador ou desempregado em busca de trabalho seja forçado a aderir a sindicatos de empresas para ter um emprego ou mantido à força fora de uma organização livremente escolhida por ele; e, finalmente, que os empregadores respeitem as "horas máximas de trabalho, o salário mínimo e as outras condições de emprego aprovadas ou prescritas pelo Presidente" (citado em Irving Bernstein, *The Turbulent Years* (Boston, 1970), p. 34. *Sobre* a política de negociação coletiva no New Deal, cf. Irving Bernstein, *The New Deal Collective Bargaining Policy* (Berkeley, 1950); Charles F. Roos, *NIRA Economic Planning* (Bloomington, 1937); HA Marquand, "American Trade Unionism and the Roosevelt Regime", em *Political Quarterly*, 4 (outubro de 1933); R. Moley, *The First New Deal* (Nova York, 1966); Grant N. Farr, *The Origins of Recent Labor Policy* (Denver, 1959). Sobre sindicatos de empresas, cf. Bureau of Labor Statistics, Boletim nº 634, "Características dos Sindicatos de Empresas,

Na verdade, apenas as lutas laborais que começaram nas fábricas de borracha da Firestone e da Goodyear (as greves de 1936-37) e culminaram na capitulação da General Motor perante a United Automobile Works conseguiram legitimar a negociação colectiva ⁴⁹. Embora tenha sido constantemente boicotada pelos apelos das Grandes Empresas e do NAM ao Supremo Tribunal, esta lei acabou por ser reafirmada pela Lei Wagner de 1935 ⁵⁰. W. Ainda assim, a iniciativa de Roosevelt deu uma marca “construtiva” às tendências que já estavam objectivamente presentes na nova classe trabalhadora criada pelo fordismo. Como tal, constituiu uma verdadeira antecipação capitalista do adversário de classe, que parecia prestes a desenvolver uma solução revolucionária para a crise.

Mas correspondendo a este comportamento aparentemente “anômalo” do Estado, houve uma anomalia semelhante no movimento sindical. Em vez da decadência e da repressão que marcaram o seu homólogo europeu, o movimento laboral americano parecia desfrutar de um dos seus momentos mais brilhantes na constituição do CIO (ou seja, com o triunfo do há muito almejado “sindicalismo industrial”). A natureza impressionante e radical das greves que rapidamente invadiram cidadelas do feudalismo

1935-1937". Sobre a discussão anterior à aprovação do NIRA, cf. "Investigação de Problemas Econômicos", Audiências do Comitê de Finanças do Senado, 1933, citado em Bernstein, *Turbulent Years*, op. cit., pp. 10-40; também Daniel R. Fusfeld, *The Economic Thought of Franklin D. Roosevelt and the Origins of the New Deal* (Nova Iorque, 1956). As estatísticas sobre o desemprego e sobre as horas de trabalho e salários são tratadas em *Employment and Earnings Statistics for the United States, 1909-1960*, citado em *Turbulent Years*, op. cit.

⁴⁹Juntamente com o United Rubber Workers e o United Iron and Steel Workers, o United Automobile Workers foi um dos primeiros sindicatos a nível industrial (então bastante fraco) que se juntou ao Comitê para a Organização Industrial. Este último foi formado sob a orientação de John Lewis, pelos signatários do movimento minoritário boicotado pela Convenção AFL de 1935. Esta moção, que pretendia a extensão das organizações sindicais aos trabalhadores não qualificados das grandes indústrias e a quebra das barreiras dentro de vários sectores industriais, tornou-se praticamente o programa do CIO. Sobre isso, ver Walter Galenson, *The CIO Challenge to the AFL: A History of the American Labour Movement 1935-1951* (Cambridge, 1960).

⁵⁰A NAM, que durante muitos anos representou a ala mais progressista das grandes empresas e que acabou por se transformar no símbolo da luta conduzida por grupos de interesse privados contra o planeamento do New Deal, é discutida em Clarence E. Bonnett, *History of Employer's Associations nos Estados Unidos* (Nova York, 1956). Para a atormentada história da Lei Wagner, cf. Harry A. Millis e Emily Clark Brown, *Da Lei Wagner a Taft-Hartley: Um Estudo da Política Trabalhista Nacional e Relações Trabalhistas* (Chicago, 1950); Dean Orlando Bowman, *Controle Público das Relações Trabalhistas* (Nova York, 1942); Joseph Rosenfarb, *A Política Nacional do Trabalho e Como Funciona* (Nova York, 1940); Lewis L. Lorwin, Arthur Wubnig, *Conselhos de Relações Trabalhistas* (Washington, DC, 1935); Joseph Hutchmacher, *senador Robert F. Wagner e a ascensão do liberalismo urbano* (Nova York, 1968). Sobre os conflitos entre a actividade legislativa do New Deal e os empresários – que recorreram para o Supremo Tribunal – cf. Robert H. Jackson, *A Luta pela Supremacia Judicial* (Nova York, 1941); Joseph Alsop e Turner Catledge, *Os 168 dias* (Garden City, 1962); WE Leuchtenberg, "As Origens do Plano de 'Court Packing' de FD Roosevelt", em *The Supreme Court Review* (1966), pp. 347-500; Richard C. Cortner, *Os casos da Lei Wagner* (Knoxville, 1964); C. Fahy, "The NLRB and the Courts", em LG Silvenberg, ed., *The Wagner Act: After Ten Years* (Washington: Bureau of National Affairs, 1945); CO Heegory, *Trabalho e a Lei* (Nova York, 1961).

industrial, como a GM, a Chrysler e a US Steel ⁵¹, marcou a vitória esmagadora do CIO, cujo número de membros cresceu, em apenas um ano, de 800.000 para mais de três milhões. Contudo, o que isto significou em última análise foi a aceitação completa das leis capitalistas de troca por parte de homens que, como John Lewis, dirigiram a grande ofensiva trabalhista de 1937 ⁵².

Para localizar os limites subjetivos do radicalismo “objetivo” da ofensiva trabalhista de 1930, é importante lembrar que Lewis não foi apenas um dos principais promotores do CIO (cuja penetração na indústria pesada foi financiada pelo tesouro do sindicato dos mineiros).), mas foi também o único líder trabalhista que quebrou o pacto social em que se baseava o New Deal, ao libertar os “seus” mineiros contra a máquina de guerra americana em plena Segunda Guerra Mundial ⁵³. Foi esta reviravolta que levou os comunistas de conselhos (através de Mattick) a reafirmar a sua total

⁵¹Sobre as lutas contra o “gigante do aço”, muitas vezes considerado um símbolo do desenvolvimento monopolista do capitalismo americano, cf. Samuel S. Stratton, *e outros.*, *A Economia da Indústria do Ferro e do Aço* (Nova York, 1937).

⁵²Basta recordar o seu discurso radiofónico de 3 de Setembro de 1937 para compreender os princípios orientadores do poderoso presidente dos Trabalhadores Mineiros Unidos da América - um homem com muitos anos de gestão sindical conservadora e que não hesitou em cercar-se também com ex-socialistas como Sidney Hillman dos Amalgamated Clothing Workers e David Dubinsky dos Ladies' Garment Workers, ou com comunistas decepcionados com o fracasso do seu TULL, a fim de manter vivo o sindicato trabalhista sob a única forma possível, a de industrial sindicalismo. No auge da terrível recessão que no espaço de um ano pulverizou as ilusões despertadas pela leve recuperação do New Deal, e na sequência da conclusão desastrosa dos ataques sangrentos contra a Little Steel, ele disse: "Ao contrário do comunismo, a sindicalização pressupõe relações de trabalho. Baseia-se no sistema salarial e reconhece plena e sinceramente a instituição da propriedade e o direito ao lucro decorrente dos investimentos." Sobre a importância do papel de Lewis, cf. Bernstein, *Anos Turbulentos*, *op. cit.*; Derby e Young, editores, *op. cit.*; e Saul Alinsky, *John Lewis, uma biografia não autorizada* (Nova York, 1949). Sobre a grande greve contra a General Motors, cf. Sidney Fine, *Sit-Down, a greve da General Motors de 1936-1937* (Ann Arbor, 1969). Para mais informações sobre as lutas contra o Little Steel, que representou uma das facetas mais turbulentas e reveladoras da “neutralidade” de Roosevelt na luta entre capital e trabalho, cf. LF Budenz, "Strikes under the New Deal", em Alfred M. Bingham e Selden Rodman, eds., *Challenge to the New Deal* (Freeport, NY, 1971). Cf. também *Correspondência do Conselho Internacional*, 5 (junho de 1937).

⁵³Sobre a luta pelo poder entre Lewis e Roosevelt como pretexto para a resposta violenta dos trabalhadores às exigências de guerra do New Deal, cf. Bernstein, *Anos Turbulentos*, *op. cit.*, especialmente os capítulos “A House Divided” e “End of an Era”, pp. 682-768. Apontando a subjugação do trabalhador ao sistema implícita nos métodos organizacionais empregados por tais sindicatos, Mattick escreveu em 1939: "Assim como as relações de produção - para usar um termo marxista - ao impedirem o desenvolvimento adicional das forças produtivas são estão na origem do actual declínio capitalista, pelo que as actuais organizações laborais bloqueiam o pleno desenvolvimento das forças proletárias, bem como quaisquer novas acções que procurem concretizar os objectivos da classe trabalhadora. Estas tendências antagónicas - os interesses proletários, por um lado, e os do trabalho dominante organizações, por outro - foram claramente delineadas na Europa quando o processo de expansão capitalista parou e a concentração da economia assumiu dimensões sem precedentes antes de dar lugar ao domínio fascista. Mas mesmo na América, onde a economia capitalista provou ser menos tensa do que na Europa, os antigos líderes trabalhistas (AFL) viram os líderes das novas e aparentemente mais progressistas organizações juntarem-se a eles para sustentar a classe capitalista, procurando de todas as maneiras possíveis salvar este sistema, mesmo depois de a sua base social e histórica ter evaporado " .

desconfiança nas capacidades emancipatórias do sindicalismo, mesmo na sua nova roupagem “industrial” de massas.

Os comunistas de conselhos consideravam a situação americana como diferente da europeia precisamente por causa do vigor persistente do capitalismo privado dos EUA. Embora não tenha sido capaz de iniciar uma recuperação económica nos moldes tradicionais, o capital privado ainda poderia obstruir a transferência do processo de acumulação para fundações capitalistas estatais, como demonstrado, por exemplo, na resistência da Ford, Little Steel e Swift & Co., à sindicalização. Roosevelt viu que a tarefa das organizações trabalhistas consistia precisamente em superar esta oposição. Assim, a tarefa dos comunistas de conselhos foi a reconstituição do quadro teórico para a análise da crise capitalista face às modificações estruturais criadas pela intervenção estatal massiva. Isto implicou um reexame cuidadoso da teoria “clássica” (subconsumista) luxemburguesa do colapso.

O resultado sindical e, no âmbito do New Deal, estatístico das lutas laborais americanas ficou evidente na sua incapacidade de transpor os seus ataques contra o poder despótico do “velho” capital privado nas fábricas para a sociedade civil, agora subsumida directamente sob o processo de acumulação. Isto, juntamente com a resistência passiva das massas europeias (com excepção de Espanha) ao fascismo e ao nazismo, levou os comunistas de conselhos a procurarem, dentro da lógica *do capital* e dos novos desenvolvimentos que marcaram época que ele trouxe, uma compreensão da as novas realidades surgindo das ruínas de 1929. *Dentro do capital* significava *dentro da crise*. Apenas uma tentativa foi capaz de ir além da abordagem luxemburguesa do problema da acumulação capitalista como condição “materialista” para o socialismo: nomeadamente, o livro de Henryk Grossmann sobre a lei da acumulação e o colapso do sistema capitalista ⁵⁴.

Ao retomar a polémica entre Rosa Luxemburgo e Otto Bauer relativamente aos esquemas de produção marxistas ⁵⁵, Grossmann tentou reconstruir fielmente a lei marxista da acumulação, a fim de esclarecer a necessidade de colapso inerente aos

⁵⁴Henryk Grossmann, *Das Akkumulations- und Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems* (Leipzig, 1929; reimpresso em Frankfurt am Main, 1970).

⁵⁵Cf. Rosa Luxemburgo, *The Accumulation of Capital – An Anti-Critique*, publicado em conjunto com Nikolai Bukharin, *Imperialism and the Accumulation of Capital*, ed. Kenneth J. Tarbuck, trad. Rudolf Dickmann (Nova York, 1973).

próprios mecanismos de produção capitalista. Ao rejeitar todas as explicações “exógenas” da crise – desde aquelas que, seguindo *Studien zur Theorie und Geschichte der Handelskrisen de Tugan-Baranowski na Inglaterra*, viam na anarquia do mercado capitalista a origem de crises de “desproporcionalidade” até aquelas baseadas nas hipóteses de consumo insuficiente – Grossmann desenvolveu uma crítica rigorosa à ⁵⁶*Acumulação de Capital* de Luxemburgo. Começando com o esquema de Bauer sobre as infinitas possibilidades endógenas para o desenvolvimento capitalista e o caráter exógeno dos limites deste desenvolvimento – ou seja, a “rebelião da classe trabalhadora” – Grossmann procurou mostrar como a crise e o ⁵⁷colapso surgiram necessariamente de um “sistema”, teoricamente” vazio das dificuldades de “realização” que assolam a teoria da acumulação e do imperialismo de Luxemburgo. Segundo Grossmann, Luxemburgo chegou à sua famosa “correção” dos esquemas de reprodução marxistas como resultado de uma má compreensão da abordagem do próprio Marx ⁵⁸. Tendo falhado em ter em mente tanto a distinção básica entre o modo de investigação e o modo de exposição explicitamente estabelecida por Marx no pós-escrito à segunda edição de *O Capital*, como a complexa relação entre essência e fenómeno (e, a outro nível, teoria e práxis) envolvido na crítica da economia política, Luxemburgo cometeu um erro fundamental: o de atribuir “existência social objetiva” aos esquemas de reprodução. As relações com as quais Marx “simplesmente quis expressar” (Mattick) a proporção (também manifesta ao nível das “duas esferas de produção e suas relações de troca”) entre trabalho excedente e trabalho (mais-valia e valor) tinha sido visto por Luxemburgo como a “representação” numérica do processo reprodutivo capitalista. Assim, Luxemburgo não tinha compreendido as implicações teóricas e cognitivas do nível em que Marx operava (o nível do capital total [*Gesamtkapital*]), embora já tivesse sublinhado que não coincidia com a “multiplicidade de capitais concretos”. O capital total, como aquele nível em que as mercadorias são trocadas com base no seu valor e não – como supôs Luxemburgo – também com base nos preços de mercado, pressupunha na explicação de Marx que a realização da mais-valia já tinha sido alcançada. Neste esquema de reprodução, Marx esperava

⁵⁶M. Tugan-Baranowski, *Theoretische Grundlagen des Marxismus* (Leipzig, 1905). Ao discutir as teorias que derivam a crise da desproporcionalidade ou do subconsumo, Grossmann repetiu as mesmas correções e especificações delineadas por Ladislaus von Bortkiewicz em sua importante obra, "Zur Berichtigung der grundlegenden theoretischen Konstruktion von Marx im III. Band des Kapitals", em *Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik*, julho de 1907.

⁵⁷Otto Bauer, "Die Akkumulation des Kapitals", *Neue Zeit*, 31:1, p. 835.

⁵⁸Grossman, *op. cit.*, pp. 79-109. O segundo capítulo deste livro é dedicado à exposição dos pressupostos metodológicos da análise do capitalismo.

expressar a troca de mercadorias como um pressuposto necessário do modo de produção capitalista ⁵⁹.

Ao responder à crítica “luxemburguesa” de Sternberg ao seu trabalho, Grossmann elaborou toda uma série de problemas ao nível espinhoso da “transformação de valores em preços” ⁶⁰, esclarecendo assim tanto a sua crítica à *Acumulação de Capital* como a sua própria teoria do crash. Partindo da noção “hegeliana” de ciência em Marx como conhecimento da “essência oculta” e das “conexões internas” entre os fenómenos empíricos, ele construiu um esquema abstrato (rigorosamente ligado à teoria do valor) do processo de acumulação. Isto levou necessariamente ao colapso do sistema devido à queda da taxa de lucros resultante do aumento da composição orgânica do capital. Esta tendência necessária para a crise fatal do capitalismo não estava relacionada com nenhuma contingência externa (como nas teorias exógenas da crise). Pelo contrário, estava enraizado na estrutura dicotômica da própria “forma celular” do sistema – a mercadoria – que detalhava a divisão do trabalho abstracto (aquele que produz valor de troca) do trabalho concreto (aquele que produz valor de uso). Grossmann colocou esta divisão na base do carácter “bidimensional” da crítica da economia política ⁶¹. Isto implicou uma “conexão interna necessária” da teoria da acumulação, da teoria do valor e da teoria do crash. Grossmann procurou traçar a “possibilidade geral” da crise apenas no processo produtivo (e reprodutivo) capitalista, livre de qualquer fricção externa. “*A forma mais abstrata de crise* (e, portanto, a possibilidade formal de crise)”, escreveu Marx, “é, portanto, a *metamorfose da própria mercadoria*; a contradição entre valor de troca e valor de uso e, além disso, entre

⁵⁹Assim, Grossmann escreve: “Por si só, o esquema de reprodução marxista e o fluxo de produção e circulação nele representado não pretendem fornecer uma imagem da realidade capitalista concreta; o esquema não é imediatamente válido *para* os mecanismos de produção empiricamente dados, mas apenas “você descreve um processo ‘normal’ de produção que se desenvolve em relação a hipóteses simplificadoras fictícias e que, portanto, significa apenas um exame do conhecimento *provisório*, o primeiro passo no processo de aproximação do processo de reprodução real.” Cf. Henryk Grossmann, “Die Goldproduktion im Reproduktionsschema von Marx und Rosa Luxemburg”, *Festschrift für Carl Grünberg zum 70. Geburtstag* (Leipzig, 1932), p. 153; agora em Henryk Grossmann, *Aufsätze zur Krisentheorie* (Frankfurt am Main, 1971), p. 78.

⁶⁰Fritz Sternberg, *eine Umwälzung der Wissenschaft? Kritik des Buches von Henryk Grossmann “Das Akkumulations- und Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems”. Zugleich eine Positive Analyse des Imperialismus* (Berlim, 1930), e a resposta de Grossmann em “Die Wert-Preis-Transformation bei Marx und das Krisenproblem”, em *Zeitschrift für Sozialforschung*, I (1932), pp. 55; agora republicado em *Aufsätze zur Krisentheorie*, *op. cit.*, pp. 45ss. Nesta teoria do valor, a falta de fundamento da hipótese de Sternberg baseada na dedução do valor da concorrência, ou seja, das suas funções ao nível onde é determinado o tempo de trabalho socialmente necessário.

⁶¹Sobre isso, ver Henryk Grossmann, *Marx, die klassische Nationalökonomie und das Problem der Dynamik* (Frankfurt am Main, 1969).

dinheiro e mercadoria incluídos na unidade da mercadoria, existe na metamorfose apenas como um movimento envolvido ⁶².” Embora as relações estabelecidas ao nível do capital total representem uma abstracção que é, evidentemente, indispensável para a compreensão e explicação dos acontecimentos empíricos, excluem o processo de trabalho. Como assinalou Marx: “a *relação directa* das diferentes partes componentes do capital com o trabalho vivo não está ligada aos fenómenos do processo de circulação. Não surge deste último, mas do *processo imediato de produção* e a sua [expressão] é a relação do capital *constante* com o *capital variável*, cuja diferença se baseia *apenas* na sua relação com o trabalho vivo ⁶³.” Portanto, a análise ao nível do capital total pode definir apenas a possibilidade abstrata e geral da crise, sem considerar as suas causas. “A *possibilidade geral* de crise é a *metamorfose formal* do próprio capital, a separação, no tempo e no espaço, entre compra e venda. Mas esta nunca é a *causa* da crise. Pois ela nada mais é do que a *forma mais geral de crise*, isto é, a própria crise na *sua expressão mais generalizada* ⁶⁴.”

De acordo com Marx, então, a forma da crise não pode explicar como a crise potencial poderá algum dia ser concretizada. Sendo o resultado de “*mudanças nos preços e revoluções nos preços*” as crises não coincidem com as “*mudanças nos valores das mercadorias*”; Portanto, não poderiam ser explicados naturalmente a partir do “exame do capital em geral, no qual os preços das mercadorias são considerados idênticos *aos valores das mercadorias* ⁶⁵”. Apenas as “condições gerais da crise”, à parte as flutuações de preços e de mercado, tiveram de ser explicadas com base nas “condições gerais da produção capitalista”. Mas a mudança da forma da crise para a sua realidade implicou uma mudança paralela do valor para os preços das mercadorias. Assim, se Luxemburgo considerou, com razão, que era tolice esperar o colapso do capitalismo devido à queda da taxa de lucro, ela não tinha compreendido a “auto-supressão” da produção capitalista expressa por esta queda tendencial (ou seja, o “esquema de valores” da expansão capitalista).). Esta última é a “pré-condição teórica” da realidade capitalista concreta “baseada no valor, mas regulada pelos preços de produção”. Segundo Grossmann, a primazia da lei do valor sobre a dinâmica dos preços das mercadorias deve estar relacionada com o nível onde se forma a taxa média de

⁶²Karl Marx, *Teorias da mais-valia* (Moscou, 1960), vol. II, pág. 509.

⁶³ *Ibidem.*, pp. 578-579.

⁶⁴ *Ibidem.*, pág. 515.

⁶⁵ *Ibidem.*

lucro: o “centro de gravidade” de todo o mundo capitalista ⁶⁶. Apesar da “tendência empiricamente verificável da taxa de lucro para se estabilizar nos vários sectores produtivos (confirmada desde Ricardo e Malthus até Bohm-Bawerk), Luxemburgo negou a “possibilidade de transferir uma parte da mais-valia da secção II para a secção Eu”, e ela baseou toda a sua teoria da acumulação capitalista neste ponto. Ao mesmo tempo, ela manteve-se fiel ao princípio da troca de mercadorias no mercado de acordo com o seu valor e não com os seus custos de produção. Assim, ela não conseguia mais explicar “a formação da taxa média de lucro dentro da teoria do valor”. Aderindo teimosamente à teoria do valor, Luxemburgo tinha na verdade abandonado a base teórica do sistema marxista, ignorando completamente o que ela mesma tinha definido como “uma das descobertas mais importantes da teoria econômica marxista” ⁶⁷.

As correcções e elaborações de Grossmann sobre o trabalho de Luxemburgo permitiram a Mattick, um dos principais expoentes dos comunistas de conselhos americanos, construir a base teórica subjacente à sua análise do New Deal e do fascismo na *Correspondência do Conselho Internacional*.

Ao descartar o aspecto mais claramente datado da teoria de Grossmann (ou seja, a sua sobreavaliação da importância dos esquemas de reprodução marxistas) ⁶⁸, Mattick conseguiu resgatar o seu “núcleo racional”, que localizou na relação entre o modelo teórico da crise, rigorosamente baseada na lei do valor, e realidade empírica “modificada” pelos mecanismos de mercado. Em polémica com a crítica “subjektivista” de Korsch e Pannekoek ao aparente fatalismo de Grossmann, Mattick normalmente introduzia os primeiros números da *Correspondência do Conselho Internacional* com um ensaio dedicado ao trabalho de Grossmann, que entretanto havia se tornado um dos textos-chave na Convenção dos Comunistas de Conselho. “escolas.” ⁶⁹

⁶⁶Grossmann, “Die Wet-Preis-Transformation”, *op. cit.*, pág. 59.

⁶⁷*Ibidem.*, pág. 71.

⁶⁸Paul Mattick, introdução a Henryk Grossmann, *Marx, die klassische Nationalökonomie und das Problem der Dynamik*, *op. cit.*. Para uma discussão filologicamente precisa dos esquemas marxistas de reprodução, cf. capítulo 30 de Roman Rosdolsky, *Zur Entstehungsgeschichte des Marxschen “Kapital”* (Frankfurt am Main, 1968).

⁶⁹Cf. Karl Korsch, “Ueber einige grundsätzliche Voraussetzungen für eine materialistische Diskussion der Krisentheorie (1934)”, agora em Korsch, Mattick, Pannekoek, *op. cit.*, pp. 91-100. Cf. também a carta de revisão de Korsch a *The Inevitability of Communism*, de Mattick, no seu volume de correspondência, *Arbeiterbewegung ...*, *op. cit.*, pp. 136-148 (carta de 10 de maio de 1935). Para o artigo de Mattick, veja seu “The Permanent Crisis”, *International Council Correspondence*, novembro de 1934, pp. 10-20.

Ao penetrar no complexo quadro marxista e redescobrir na crise a essência do sistema capitalista, Grossmann conseguiu concentrar-se no verdadeiro “nexo prático e teórico da dupla crítica de Marx ao capitalismo”⁷⁰. Se, de facto, a substância crítica e revolucionária do método dialético de Marx era a sua compreensão do estado de coisas existente, bem como o seu inevitável colapso - e, portanto, a sua “natureza transitória”⁷¹ – o mérito de Grossmann era ter deduzido de uma compreensão ao nível da filosofia da história, do carácter historicamente determinado e em declínio da produção capitalista”, a “tendência *social* que concretiza esta tendência histórica, a contradição entre as forças e as relações de produção”⁷². Mas se a teoria da crise “reconstruída” por Grossmann lhe permitiu discernir as suas bases sociais historicamente determinadas (as relações de produção fundadas na separação dos produtores dos meios de produção), quebrando a aparente “naturalidade” do processo de valorização (isto é, os meios pelos quais o valor é produzido), foi posteriormente forçado, pela mesma lei que utilizou para identificar a essência sócio-histórica (a lei do valor), a assumir mais uma vez o manto fetichista da necessidade económica.

As relações “quantitativas” que Grossmann utilizou para expressar o crescimento “inexorável” do capital constante em relação ao capital variável (apoiando-se nos números absolutamente arbitrários de Bauer), remetiam às relações sociais entre valor e mais-valia (entre trabalho e mais- *trabalho*) que constitui a própria condição do processo de acumulação capitalista. O aumento da produtividade do trabalho, motor do processo de acumulação, pressupunha o duplo carácter da mercadoria-força de trabalho, o de ter não apenas um valor de troca, mas também um valor de uso. Os limites da acumulação manifestados no mercado sob a forma do problema da composição orgânica do capital e, finalmente, como uma tendência *económica* para a queda da taxa de lucro – estavam mais uma vez relacionados com a sua dependência da mais-valia, em limitado pelo facto de só poder ser um efeito da mais-valia, isto é, apenas uma parte do trabalho total. Neste sentido, Mattick poderia fornecer uma interpretação diferente daquela dos “teóricos do subconsumo”, da famosa passagem onde Marx escreve que: “A razão última de todas as crises reais permanece sempre a pobreza e o consumo restrito das massas em oposição ao impulso da produção

⁷⁰Paul Mattick, “Teoria do Valor e Acumulação de Capital”, *Ciência e Sociedade*, 22:1 (1959), p. 10.

⁷¹Karl Marx, *Capital*, Vol. I (Moscou, n.d.), p. vinte.

⁷²Hans-jürgen Krah, *Konstitution und Klassenkampf* (Frankfurt am Main, 1971), p. 98. Ver também Giacomo Marramao, “Teoria da Crise e o Problema da Constituição”, *Telos*, 26 (Inverno 1975-76), pp. 143-164.

capitalista para desenvolver as forças produtivas, embora apenas o poder de consumo absoluto da sociedade constituísse o seu limite ⁷³. ” O limite ao consumo de massa não poderia ser curado por nenhuma estratégia política keynesiana de “consumo social”, na medida em que estava ligado à estrutura de produção (ou seja, à extracção de mais-valia) e ao sistema de lucro ⁷⁴.

Assim, o agrupamento oposto subconsumo-mais-produção apenas expressa a “fenomenologia” da crise, cuja essência pode ser traçada nas relações sociais de produção entre trabalho e mais-trabalho (valor e mais-valia), manifestadas *em o nível puramente económico* como aumento da composição orgânica do capital e, conseqüentemente, como tendência à queda da taxa de lucro ⁷⁵.

O mérito de Grossmann consistiu, então, em ter enfatizado o carácter revolucionário do método marxista de exposição: ele não apenas “refletia” a realidade empírica, mas fornecia uma interpretação hermenêutica; não foi mera especulação sobre

⁷³Karl Marx, *Capital*, Vol. III (Nova Iorque, 1967), p. 484.

⁷⁴Duas citações importantes de Marx apoiam a leitura de Mattick. Em *O Capital*, Vol. III, *op. cit.*, pp. 244-245, ele escreve: “As condições de exploração direta e aquelas de realizá-la não são idênticas. Elas divergem não apenas no lugar e no tempo, mas também logicamente. a relação proporcional dos vários ramos de produção e o poder de consumo da sociedade. Mas este último não é determinado nem pelo poder produtivo absoluto nem pelo poder de consumo absoluto, mas pelo poder de consumo baseado em condições antagônicas de distribuição, que reduz o consumo da maior parte da sociedade a um mínimo, variando dentro de limites mais ou menos estreitos. É ainda mais restringido pela tendência para acumular, pelo impulso para expandir o capital e produzir mais-valia numa escala alargada. Esta é a lei para a produção capitalista. , imposta pelas revoluções incessantes nos próprios métodos de produção, pela depreciação do capital existente, sempre ligado a eles, pela luta competitiva geral e pela necessidade de melhorar a produção e expandir a sua escala apenas como meio de autopreservação e sob pena de ruína.” E para esclarecer de uma vez por todas o que Marx quis dizer com “subconsumo” das massas trabalhadoras, basta recordar o que ele escreveu em *Theories of Surplus Value*, *op.cit.*, pág. 520: “A mera relação entre trabalhador assalariado e capitalista implica: 1. Que a maioria dos produtores (os trabalhadores) são não-consumidores (não-compradores) de uma grande parte do seu produto, nomeadamente, dos meios de produção. produção e a matéria-prima; 2. que a maioria dos produtores, os trabalhadores, só podem consumir um equivalente pelo seu produto enquanto produzirem mais do que esse equivalente, isto é, enquanto produzirem mais-valia ou mais-valia. Devem sempre ser *superprodutores*, produzir além de suas necessidades, para serem consumidores ou compradores dentro dos limites de suas necessidades.”

⁷⁵No seu artigo, “A natureza e o significado da 'superprodução'”, Mattick escreve: “geralmente acredita-se que a aparente superprodução causa dificuldades na venda das mercadorias produzidas, o que, por sua vez, levaria a uma diminuição nos lucros. Na verdade, o capital constante aumenta mais rapidamente que os lucros, limitando a rentabilidade e, conseqüentemente, interrompendo a expansão da produção e o processo de acumulação. Somente nesta fase a 'superprodução' se torna visível e transmite a impressão errônea de que há subconsumo. A superprodução é apenas *uma* concomitante o factor da crise, e *não a sua causa*, e torna a crise mais aguda ao provocar uma queda de preços. Mas mesmo que os capitalistas conseguissem vender todo o “excedente” de mercadorias produzidas, não poderiam eliminar a crise. A causa deve ser procurada numa direcção diferente: as forças económicas determinam o grau de exploração e o nível predominante de tecnologia, e que podem ser verdadeiramente (lucrativamente) relacionadas com o capital plenamente envolvido no processo de exploração apenas se mudanças básicas na composição deste último puderem ser efectuadas. Cf. “Natureza e Significado da 'Superprodução'”, *Correspondência do Conselho Internacional*, 5 (junho de 1937), p. 28.

conexões reais, mas uma intervenção teórica ativa sobre elas. Com base nesta redescoberta epistemológica altamente significativa, ele construiu um modelo teórico da crise capaz de explicar as ambiguidades e equívocos que deram origem a posições estranhas ao marxismo do “harmônico”, do “neo-harmônico” e do “colapso”. .”” hipóteses relacionadas, apenas, aos fenômenos empíricos da circulação ⁷⁶.

O processo de acumulação descrito por Grossmann foi, como diria Mattick mais tarde, “o resultado lógico de uma linha implícita de desenvolvimento que se refere apenas à produção e à acumulação de capital num sistema onde o trabalho total se opõe ao capital total. Portanto, é o resultado lógico de ter exposto os meios de produção de mais-valia e a dinâmica por trás do processo de acumulação. Por outras palavras, é o reconhecimento de uma “tendência dominante no desenvolvimento capitalista que constitui a base do movimento real do capital e constitui a chave para a sua compreensão. Serve para demonstrar que todos os problemas do capital surgem, em última análise, do próprio capital, da produção de mais-valia e do desenvolvimento da produtividade social do trabalho determinada pelo próprio modo de produção capitalista. ⁷⁷A teoria do valor ligado ao tempo de trabalho, que é *abstrata em relação* ao mercado, mas ao mesmo tempo *concreta em relação às* relações de produção, deveria ser considerada uma “construção intelectual”, no sentido especial de uma compreensão exclusivamente teórica das relações de valor” escondidas “por trás dos preços”. “Só uma análise do valor”, como disse recentemente Mattick, “permite passar do abstrato ao concreto, uma vez que pode mostrar a ligação entre as relações no mercado e as relações de produção dadas, esclarecendo finalmente o processo total da economia capitalista”. economia⁷⁸”. Como Mattick deixou bem claro em *A Inevitabilidade do Comunismo*, não estamos diante de “um procedimento puramente metodológico que envolve uma aproximação progressiva ao mundo difícil de penetrar das mercadorias”, mas com “uma fundação objectiva deste mundo”, a pedra angular de todo o processo. sistema das “várias formas de capital”⁷⁹”

⁷⁶Zur Kritik der modernen Krisentheorien (Praga, 1935), de Natalie Moszkowska .

⁷⁷Paul Mattick, "Krisen und Krisentheorien", em Paul Mattick, *et al.* , *Krisen und Krisentheorien* (Frankfurt am Main, 1974), p. 56.

⁷⁸*Ibidem.* , pp. 57-58.

⁷⁹Paul Mattick, *A Inevitabilidade do Comunismo* (Nova York, 1935), p. 14. Aqui Mattick critica uma obra de Sidney Hook, *Toward the Understanding of Karl Marx* (Nova Iorque, 1933).

Se as leis delineadas no modelo marxista da unidade lógica do capital total apenas apontassem para os limites históricos do modo de produção capitalista sem indicar pelo menos o “momento da sua dissolução” – como sublinhou Mattick em referência a Grossmann – poderiam assim ser entendida por referência às mudanças na própria forma de mercado provocadas pela concorrência e, acima de tudo, por referência às medidas adoptadas para evitar o seu colapso final (o que Marx classificou como contratendências). Mesmo a nova função do Estado capitalista de intervenção direta na economia foi interpretada como uma contratendência destinada a bloquear o possível colapso acarretado pela crise geral que ocorreu com a obtenção de um nível de composição orgânica totalmente desproporcional à mais-valia utilizável para fins de acumulação.

A tendência para um capitalismo de Estado monopolista nos EUA assumiu uma forma que parecia bastante diferente da que assumiu na Europa. O New Deal representou a tentativa de integrar o trabalho num projecto de apoio à procura, tendo em conta a “baixa propensão para investir” de Keynes. Embora financiada com tato pelo Estado, foi, no entanto, estrategicamente vantajosa para os relutantes capitalistas privados, ainda imbuídos da nostalgia ideológica do laissez-faire. No nazismo e no fascismo, no entanto, foram impostos limites ao consumo, os sindicatos foram suprimidos e o planeamento económico autoritário forçou o relançamento do processo de acumulação. Mas em ambos os casos a intervenção estatal na economia suspendeu as leis competitivas do mercado ao continuar e “nacionalizar” uma prática já iniciada pelos monopólios, marcando assim uma fraqueza orgânica no modo de produção capitalista. Sendo estagnação no processo de acumulação, a crise já não poderia ser superada com medidas clássicas devido ao elevado nível da composição orgânica do capital social. A destruição “normal” do capital revelou-se inadequada para reduzir o capital constante e restabelecer a sua relação com a mais-valia. Onde a destruição do valor de uso da força de trabalho (fascismo) já não era suficiente ou viável, foi necessário destruir o capital através do gasto improdutivo de obras públicas e armamentos. Como contratendência, o capitalismo de Estado *não foi capaz de resolver, mas apenas de elevar a um nível diferente e superior*, a contradição implícita no mecanismo de acumulação capitalista. Como disse Marx no terceiro volume de *O Capital*: “as mesmas influências que produzem uma tendência à falência da taxa geral de lucro também provocam efeitos contrários, que dificultam, retardam e paralisam parcialmente essa falência. Estas

últimas não eliminam a lei, mas prejudicam o seu efeito ⁸⁰.” Após a dura refutação da previsão de Korsch de uma resposta explosiva da classe trabalhadora ao amadurecimento do capitalismo (representado pelo planejamento estatal fascista, rooseveltiano ou estalinista) e face à contra-revolução fascista, Korsch empreendeu uma revisão do marxismo que acabou por resultar na Tese de Zurique ⁸¹. Mattick, por outro lado, redescobriu nas contratendências do New Deal e do fascismo uma confirmação adicional da antecipação do colapso do sistema capitalista pelo marxismo. As diferenças entre as contramedidas adotadas pelas diversas formas de capitalismo foram determinadas por uma diferença na intensidade dos seus respectivos processos de acumulação. “Capitalismo corporativo” americano, menos tenso do que o seu homólogo europeu transformou o movimento operário organizado numa das dobradiças do “novo” sistema keynesiano (baseado no efeito “multiplicador” das despesas estatais), devido à energia que ainda permanecia à disposição dos grupos de interesses privados ⁸². Os programas de obras públicas que foram adotados após quatro anos fúteis de tentativas de superar a crise através da eliminação do valor (a concentração e eliminação do “capital menor”) e do desemprego em massa, foram essencialmente formas modificadas de destruição da mais-valia levada a cabo pelo desvio canaliza-o para canais improdutivos – “construção de pirâmides” – controlando assim as tensões sociais resultantes da estagnação sem, ao mesmo tempo, criar capital adicional.

Ao analisar os princípios da *Teoria Geral de Keynes* considerados como a “legitimação científica” de medidas como obras públicas, subsídios de desemprego, segurança social, etc., Mattick desenvolveu a sua crítica ao sistema keynesiano da “economia mista ⁸³”. Como foi recentemente apontado ⁸⁴, quando examinada de uma perspectiva rigorosamente marxista, a teoria de Keynes contém uma intuição correcta juntamente com um erro “clássico”. Ele foi o único economista entre os seus

⁸⁰Karl Marx, *O Capital*, Vol. III, *op. cit.*, pág. 239.

⁸¹Cf. Karl Korsch, "Dez Teses sobre o Marxismo (1950)", *Telos*, 26 (Inverno 1975-76), pp. 40-41; cf. também Heinz Langerhans, "A Próxima Crise Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Revolução Mundial", *Correspondência do Conselho Internacional*, 8 (maio de 1935), pp. 7-12 e a resposta de Korsch, "Observações sobre a Tese", *ibid.*, pp. 13-22; e "A Contra-Revolução Fascista" de Korsch, *Correspondência do Conselho Internacional*, 2 (outono de 1940), pp. 29-41.

⁸²Paul Mattick, *Arbeitslosigkeit und Arbeitslosenbewegung in den USA, 1929-1935* (Frankfurt am Main, 1969), pp. 15-43.

⁸³Esta crítica acabou por ser plenamente desenvolvida no volume de Mattick, *Marx e Keynes* (Boston, 1969).

⁸⁴M. Cogoy, "Les théories neo-marxistes, Marx et l'accumulation du capital," *Les Temps modernes*, 314-315 (setembro-outubro de 1972), pp. 396-427, e "Werttheorie und Staatsausgaben", na coleção *Probleme einer materialistischen Staatstheorie* (Frankfurt am Main, 1973), pp. 129-198.

contemporâneos a localizar claramente o cerne da crise naquilo que chamou de “baixa propensão para investir”, que foi atribuída à diminuição da “eficiência marginal” do capital ⁸⁵. Ao enfatizar a estreita ligação entre o dinheiro ocioso e os homens ociosos da crise e a “preferência pela liquidez” dos capitalistas – uma preferência que, aliás, ele traçou como uma constante ao longo de toda a história da humanidade – ele expressou a ligação “natural” ⁸⁶ entre a crise e a queda da taxa de lucro que foram identificadas por Marx com o processo capitalista de expansão e acumulação. Mas ele apenas forneceu uma solução *tática* para a crise, ancorada no nível da distribuição. No entanto, ao nível do capital, a solução keynesiana foi aparentemente incapaz de restabelecer a própria condição de acumulação, a relação entre capital adicional e capital acumulado. em cujo destino permanece todo o processo de crescimento capitalista. A rentabilidade dos investimentos capitalistas é rigidamente determinada pela quantidade de capital já investido (acumulado), de modo que os investimentos obrigatórios impostos pelo Estado não garantem por si só um retorno produtivo. O excesso de capital que não é empregado “produtivamente” durante a crise é trocado por receitas ⁸⁷, não podendo ser trocado nem por capital constante nem por capital variável. Por outras palavras, realiza-se através da troca por parte da mais-valia produzida e não “capitalizada”. A realização desta receita ocorre, então, à custa da mais-valia já realizada nos sectores onde existe utilização produtiva do capital (uma troca de bens salariais por bens de capital, de capital constante por capital variável). A produção financiada pelo Estado, ao representar o contravalor da mais-valia não acumulada e apropriada pelo Estado como impostos, realiza-se através da troca de mais-valia por receitas. de acumulação em geral. Longe de resolver as dificuldades capitalistas de acumulação – curáveis apenas através de um aumento não no rendimento total, mas apenas naquela parte que pode ser capitalizada para fins de acumulação – a intervenção estatal (aparentemente antitética à lei do valor) está, no longo prazo, destinada a intensificar as contradições do sistema baseado no lucro. O que tem sido chamado de “a depressão mais grave da história americana” ⁸⁸ surgiu em 1937, reafirmando subitamente as exigências da acumulação quatro anos depois dos “cem dias” de Roosevelt terem dissolvido qualquer ilusão sobre

⁸⁵Paul Mattick, "Competição e Monopólio", *New Essays*, 3 (primavera de 1943), p. 29.

⁸⁶John Maynard Keynes, *The General Theory of Employment, Interest and Money* (Nova Iorque, 1936), especialmente pp. 164-374.

⁸⁷Para a discussão marxista sobre renda, receita e lucro, cf. capítulos três e quatro do Vol. I e capítulos 16 e 17 do Vol. II de *Teorias da Mais-valia*, *op. cit.*

⁸⁸Goldston, *A Grande Depressão*, *op. cit.*, pág. 245.

os efeitos milagrosos da “construção de pirâmides” ou do “pacto social”. assinado por John Lewis e US Steel ⁸⁹.

A teoria marxista da crise como resultado da tendência de queda da taxa de lucro inverteu o aparecimento da crise na esfera da circulação, atribuindo a aparente sobreacumulação de capital a uma falta real de acumulação. Assim, expôs como fraudulenta qualquer solução que propusesse a reabsorção da sobreprodução através de um aumento artificial da procura gerado pela dívida pública. Ao mesmo tempo, a guerra (isto é, a produção para fins clássicos e exclusivamente destrutivos) revelou a verdade de que o New Deal estava sujeito à lei do valor como qualquer outro estado capitalista. Essencialmente, o New Deal abriu o caminho para o desenvolvimento de monopólios ao introduzir sindicatos nas grandes fábricas e isentar o preço da força de trabalho das “leis livres de oferta e procura”, arruinando assim as pequenas empresas e encorajando esse processo de concentração. ... que Marx tinha visto como uma “lei coercitiva externa” imposta pelas necessidades de acumulação. A crise de 1937 mostrou a inadequação da eliminação da concorrência a nível nacional. Assim, a procura de superlucros, na qual se baseia o crescimento dos monopólios, teve de se deslocar para o nível internacional para construir um sistema abrangente de cartéis que constituísse a única estrutura possível proporcional ao capital já acumulado ⁹⁰.

⁸⁹Em “Competição e Monopólio”, Mattick escreveu: “Se a recuperação não ocorrer, os métodos keynesianos de estabilização do sistema levarão ao fim de toda a estrutura capitalista; um fim que tem o seu início no controle governamental completo, a menos que o que seja feito em uma escala nacional limitada se repete no plano mais amplo da economia mundial. Uma maior massa de excedentes mundiais deve ser colocada em menos mãos, para que os monopólios vitoriosos possam mudar todo o processo de produção e circulação capitalista de tal forma, de maneira que produza lucros que permitirão a expansão adicional do capital constante e variável, apesar do maior crescimento da composição orgânica do capital... Em cada nação capitalista, uma falta de capital no que diz respeito às necessidades sociais capitalistas de acumulação aparece como um excedente nas mãos dos empresários competitivos e monopolistas. De maneira semelhante, uma escassez de capital no que diz respeito às necessidades de expansão da economia mundial aparece em cada nação capitalista e em cada bloco de poder monopolista como um excedente sem possibilidades de investimento rentáveis dentro do seu estreito estruturas. Daí as suas tentativas de alargar a estrutura, de ganhar *Lebensraum*, de concentrar ainda mais a riqueza e a pobreza do mundo. O New Deal se torna a nova guerra mundial. A centralização pela concorrência e pela lei transforma-se em centralização pela força direta. A produção não lucrativa e a 'construção de pirâmides' transformam-se na destruição do capital por meios militares.” *Op. cit.*, p. 43.

⁹⁰Mattick descreve os limites do capitalismo intrínsecos à pseudo-solução keynesiana da seguinte forma: “o mero controle governamental do investimento certamente não pode aumentar o seu volume, que não depende de atitudes, mas de capacidades. Mas transfere capital das mãos do capital privado para as do governo... A guerra parece, no entanto, refutar a ideia de que o que está envolvido aqui é a mera transferência de capital... As bênçãos das medidas do New Deal em todas as nações capitalistas podem ser questionadas, porque ninguém pode realmente dizer se, mais cedo ou mais tarde, as empresas não teriam se recuperado por si mesmas e impulsionado a recuperação além daquela presumivelmente criada pela ação do governo. O surto na atividade econômica foi insignificante demais para ser capaz de fornecer qualquer coisa. Foi longe avançar apenas onde quer que as “obras públicas” e a “construção de pirâmides” servissem ou se transformassem em produção de guerra. E só a preparação intensiva e a eclosão final da

Dado que o montante de capital adicional para expansão é determinado pelo montante de capital já investido, então, para aumentar os lucros, é necessário aumentar o número de trabalhadores e fazê-los trabalhar em condições mais lucrativas. Foi neste ponto que a estagnação se instalou, uma vez que o capital inactivo (independentemente do seu montante absoluto) se revelou inadequado em relação às necessidades da expansão capitalista. Só uma maior concentração e centralização poderia criar a base para superar o impasse no processo de acumulação. A guerra revelou a verdade do New Deal também no sentido de que expôs a sua base autoritária e estrategicamente anti-trabalhista: a promessa de não greve feita ao Estado pelos líderes sindicais fiéis ao regime, o congelamento dos salários e a repressão da greve dos mineiros pela Guarda Nacional indicava que a submissão de toda a produtividade social às forças destrutivas já havia sido realizada ⁹¹.

A monopolização e o controlo governamental estavam a transformar a economia americana numa economia “guiada” – isto é, num sistema económico onde “as forças mecânicas e autocontraditórias da acumulação capitalista” continuavam a ser factores determinantes, enquanto ao mesmo tempo o controlo monopolista de vários produtos e a distribuição independente do mercado estava em processo de institucionalização. Isto, no entanto, não deve ser confundido com uma “economia conscientemente dirigida”, o que é impossível num sistema ainda baseado na produção de mercadorias, ou seja, a forma central da própria crise ⁹².

guerra levaram à situação desejada, onde não havia nem homens ociosos nem dinheiro ocioso. " *Ibidem.* , pp. 40-41.

⁹¹Como disse Mattick: “Tal como a acumulação de capital, também a situação de guerra domina os capitalistas em vez de ser dominada por eles. ir além do controle e dos desejos da classe dominante... Para satisfazer as demandas da guerra, os capitalistas devem usar cada vez mais trabalho excedente e, finalmente, mais do que apenas os excedentes para fins de guerra, o que leva, em por um lado, à acelerada centralização e concentração de capital e poder nas mãos do governo monopolista e, por outro, a uma produtividade decrescente devido ao empobrecimento das grandes massas que, pagas abaixo do seu valor, já não conseguem reproduzir plenamente a sua 'força de trabalho'." *Ibidem.* , pág. 44.

⁹²Assim, Mattick escreveu: “A própria natureza da produção capitalista exclui a possibilidade de produzir à vontade ou 'de acordo com um plano'. Nem o empresário individual, o monopolista, nem o governo podem decidir o que e o que não produzir. Quer saibam disso ou não, todas as suas decisões são determinadas não pela sua vontade de servir a si próprios e à sociedade, mas são-lhes impostas pelo desenvolvimento do capital e das fricções sociais a ele relacionadas. Todas as expectativas positivas relacionadas com o aumento da produção e da produtividade através da guerra baseiam-se na ilusão de que o sistema capitalista pode ser regulado conscientemente, na falsa noção de que aquelas pessoas que declaram guerra também podem assegurar a paz; que aqueles que presidem o caos da destruição também possam trazer abundância para todos. Para nós, porém, que procedemos das leis peculiares que determinam o desenvolvimento capitalista, a presente restrição das forças sociais de produção por meio do movimento progressista a destruição de homens e materiais... também remove os últimos resquícios da velha estrutura *do laissez-faire* . E, no entanto, embora pareça que algo novo evoluiu, o que é realmente novo diz respeito apenas à *forma* e não à *substância* do capitalismo." *Ibidem.* , pp. 28-29.

Assim, a eliminação da concorrência não constituiu a superação da lei do valor sobre os mecanismos produtivos e reprodutivos do capitalismo, mas sim a sua reafirmação. De uma perspectiva marxista, a concorrência só poderia levar a um preço das mercadorias segundo o qual todo o capital rende o mesmo lucro em relação à sua magnitude, que, como Marx apontou, é independente da concorrência. Mattick acrescenta: “Mas tudo depende desta magnitude. O capitalismo, sendo produção com fins lucrativos, prospera, estagna ou declina de acordo com os movimentos da taxa de lucro. Além de outras, a sua dificuldade económica mais importante consiste na diminuição da taxa de lucro que acompanha a formação de capital. Esta tendência afirma-se sob todas as formas que o capitalismo pode assumir; determina em grande parte as mudanças na forma ⁹³.”

O cerne das várias soluções capitalistas para a crise foi a sua necessária submissão (independentemente da sua pretensão de planeamento “racional”) às leis da acumulação, como coerção externa à manutenção de uma determinada relação entre capital constante e capital variável. No seu resultado comum na guerra, tanto as soluções “deflacionárias” (fascismo) como as “inflacionárias” (Keynes) demonstraram a inadequação estratégica de intervenções focadas exclusivamente nos salários (como capital variável) sem destruições adequadas (redução) do capital constante. Não foi por acaso que também Keynes, ao identificar produto, rendimento e lucro, pareceu ignorar, juntamente com os “clássicos” da economia política que o antecederam, a importância determinante do capital constante na formação do lucro ⁹⁴.

O carácter intrinsecamente capitalista das duas “soluções” impediu-os de reconhecer a *desproporcionalidade essencial* para o desenvolvimento capitalista. Esta desproporcionalidade não poderia ser corrigida pela regulação governamental dos vários sectores produtivos e distributivos, uma vez que envolveu o nascimento, o crescimento e a morte do capitalismo: a desproporcionalidade de desenvolvimento dos dois componentes do capital – variável (salários) e constante (os meios de produção).

⁹³ *Ibidem.*, pág. 36.

⁹⁴ Como observou Marx: “A produção em que o produto excedente é dividido entre capital variável e capital constante depende da composição média do capital, e quanto mais desenvolvida for a produção capitalista, menor, relativamente, será a parte que é diretamente A ideia de que, como o produto excedente é apenas o produto do trabalho recém-adicionado durante o ano, ele só pode, portanto, ser convertido em capital variável, isto é, apenas ser distribuído em salários, corresponde totalmente à ideia falsa concepção de que, porque o produto é apenas o resultado, ou a materialização, do trabalho, seu valor é resolvido apenas em receita – salários, lucro e aluguel – a falsa concepção de Smith e Ricardo.” *Teorias da mais-valia*, op. cit., Vol. II, pág. 491.

produção)⁹⁵. Assim, a guerra combinou com dois sistemas basicamente semelhantes (os “Aliados e o Eixo”). Com diferentes ferramentas táticas, ambos tentaram superar a estagnação acelerando o processo de concentração que, na ausência da “ação autónoma da classe trabalhadora”, conduziu necessariamente à forma mais geral de concentração determinada pela guerra. estar entre o “monopolismo” e o “totalitarismo”, isso se deveu apenas aos diferentes graus de dificuldade no processo de valorização dessas respectivas formas de capitalismo. O totalitarismo foi a tentativa de um grupo monopolista mais fraco de conquistar um grupo mais forte de uma forma supermonopolista, concentrando o poder nas mãos de um poder dominante centralizado. Na verdade, os obstáculos monumentais que o reformismo social de Weimar deixou no seu rasto foram tão grandes que, quando confrontado com a crise de 1929, o único recurso do capital alemão foi encontrado numa versão monstruosamente agressiva da solução deflacionária tradicional (a compressão absoluta dos salários e a destruição frenética de capitais privados “menores”). Ao concentrar-se nos movimentos do capital (isto é, na relação constante entre a sua aparência e a sua essência), Mattick descobriu que a tarefa necessária para preservar o património teórico da “esquerda operária” residia no esforço crítico para rasgar o “invólucro ideológico” de acontecimentos aparentemente confiados à “gestão” exclusiva do capital. Esta atitude analítica e teórica fundamental em relação ao capitalismo monopolista de Estado distingue-o de Korsch durante a crise e a Guerra Mundial.

Mattick fundamentou a possibilidade teórica e cognitiva do marxismo na permanência da relação dialética entre valor de uso e valor de troca. Ao mesmo tempo, porém, ele reconheceu claramente que a concretude constituída das categorias marxistas não é alcançada meramente através de um processo de “reflexão”, mas pela devolução do dado ao conceito. Ao constituir-se, a partir da crise, como a ruptura com a “naturalidade” e a “eternidade” ideológicas do modo de produção capitalista, o marxismo coloca a luta de classes como a ruptura possível na unidade entre valor de uso e valor de troca em a mercadoria-força de trabalho. Mas a constituição lógica e

⁹⁵Mattick conclui: “Os meios de produção pertencem e permanecem nas mãos de uma classe separada e por causa desta relação de classe no processo produtivo, os meios de produção aparecem como constantes e a força de trabalho aparece como capital variável. e por nenhuma outra razão, os resultados do trabalho anterior opõem-se aos trabalhadores existentes, uma vez que os primeiros só podem servir para explorá-los. O crescimento da riqueza no capitalismo é o crescimento dos lucros que encontram o seu caminho para os meios de produção com os quais mais trabalho pode ser produzido. explorados e todo o trabalho mais intensamente. Sem a divisão dos produtos do trabalho em capital constante e variável, o capitalismo não seria possível.” “Concorrência e Monopólio”, *op. cit.*, pp. 38-39.

cognitiva *não coincide imediatamente* com a constituição histórica: entre os dois momentos existe a autonomia e o carácter antecipatório da teoria como penetração científica (conceitual) do “mundo invertido” do capital.

Entretanto, numa situação caracterizada pela ausência de qualquer acção política autónoma por parte dos trabalhadores, Korsch empreendeu a sua revisão do marxismo como uma “ciência da classe trabalhadora”, começando com uma concepção reducionista da teoria como mero “reflexo” do “real”. movimento” e da práxis operária como “a outra face” da organização capitalista do trabalho. Partindo destas premissas, ele previu uma “revolução operária mundial” como o “resultado dialético” da intensificação fascista das contradições entre as forças produtivas e as relações de produção ⁹⁶.

Como resultado, para Korsch, o resultado revolucionário mal sucedido da crise económica e a superação pelo estado subjugado (fascista e monopolista) da antiga separação marxista escolástica entre economia e política pareciam contradizer o marxismo que tinha a classe trabalhadora como seu próprio sujeito ⁹⁷. Mas a justaposição *mecânica* da teoria e da dimensão empírica, por um lado, e entre teoria e práxis (“reflexão”), por outro, subjacente à contraposição esquemática entre o capital e a classe trabalhadora, resultou do fracasso de Korsch em enraizar a teoria revolucionária na natureza dialética da forma mercadoria através da crítica da economia política. Assim, Korsch não conseguiu compreender a lição luxemburguesa (posteriormente elaborada pela esquerda europeia, mesmo que de uma forma contraditória e politicamente falida): a localização, na forma-mercadoria da força de trabalho, tanto da possibilidade de emancipação da classe trabalhadora (tornando-se progressivamente a sujeito histórico) e sua função como motor do desenvolvimento capitalista. Ao não discernir o carácter central da *mercadoria* e a sua natureza contraditória como o

⁹⁶Assim, ele escreveu que, assim como “a *regulação do mercado interno* através do capital estatal fascista se atualiza em escala *internacional* como uma competição acirrada que muito rapidamente se acumula também no mercado interno, também a alegada ‘solução’ das tarefas económicas e políticas do fascismo envolve-se antecipadamente, no próprio processo de produção à escala puramente nacional, e desde o primeiro passo em diante, em contradições sempre novas e mais agudas. uma análise verdadeiramente marxista e materialistamente prática das combinações presentes e futuras de crise mundial, guerra mundial e revolução mundial, e proclamar a luta actual do proletariado em cada país e à escala internacional contra a forma aqui e agora presente de domínio *capitalista*, e todas as suas expressões, como o único conteúdo genuíno da ‘revolução mundial’ proletária.” Cf. Korsch, “Observações sobre a Tese”, *op.cit.*, pp. 21-22.

⁹⁷Para uma discussão clara das limitações teóricas do marxismo de Korsch, ver Leonardo Ceppa, “Korsch’s Marxism”, *Telos*, 26 (Winter 1975-76), pp. 94-119; e Gian Enrico Rusconi, “Korsch’s Political Development”, *Telos*, 27 (primavera de 1976), pp. 61-78.

momento *constitutivo* da sociedade capitalista, ele poderia até afirmar que a ênfase de Marx neste momento foi a fonte da obsolescência histórica da teoria marxista como o “reflexo” de um movimento revolucionário. que não pertencia nem ao presente nem ao futuro, mas ao passado. Em outras palavras, para Korsch a teoria marxista da revolução seguia o modelo emancipatório da revolução burguesa ⁹⁸.

A eterna dinâmica da Guerra Mundial, na qual os trabalhadores pareciam participar passivamente, provocou em Korsch uma interpretação cada vez mais indiferente e indiferenciada de uma situação que conduzia, não importa quem ganhasse, à fascistização do mundo e – foi isso que o separou de Mattick – a uma *paragem absoluta* do desenvolvimento das forças produtivas ⁹⁹. Mesmo na ausência de uma “ação autônoma da classe trabalhadora”, Mattick escolheu o terreno do capital para testar o persistente valor teórico e cognitivo do marxismo. É através dos seus esforços que apontamos e analisamos detalhadamente – quase todas extraídas de fontes capitalistas como o *Economist* of London ou o *Fortune* – as lutas internas dos grupos capitalistas e a sua ressonância a nível internacional. Ao rejeitar o esquema abstrato subjacente tanto à contraposição de uma democracia (New Deal) a um capitalismo reacionário (potências do Eixo) como à equação *imediata* sob o rótulo de “capitalismo de estado” ou (Langerhans e Korsch), do New Deal, o nazismo -fascismo e estalinismo (que ele via como “respostas diferentes para um mesmo problema”), Mattick

⁹⁸Karl Korsch, "Guerra e Revolução", *Correspondência do Conselho Internacional*, 1 (outono de 1941), pp. 1-14. No final de uma longa análise que trata das transformações provocadas pela “morfologia” do capital como resultado dos desenvolvimentos monopolistas e capitalistas de Estado desencadeados pela crise e pela guerra, ele escreveu: “A segunda coisa que os trabalhadores podem O que se espera que faça, uma vez que a importância da mudança nas condições básicas da economia capitalista tenha sido plenamente experimentada e compreendida por eles, é reorganizar as suas ideias revolucionárias e de classe até então mais queridas. Quando Marx descreveu a sociedade capitalista como sendo fundamentalmente uma “produção de mercadorias”, este termo incluía para ele - e pretendia incluir para todos aqueles que fossem capazes de compreender a peculiar gíria “dialética” da velha filosofia hegeliana - toda a supressão e exploração dos trabalhadores num capitalismo plenamente desenvolvido sociedade, a luta de classes e as suas formas cada vez mais fortes, até à derrubada revolucionária do capitalismo e à sua substituição por uma sociedade socialista. Isto está certo até onde vai, exceto que hoje deveria ser traduzido em uma forma menos misteriosa e muito mais linguagem distinta e franca. Mas a ênfase de Marx na “produção de mercadorias” incluía outra coisa e, desta vez, algo que pode muito bem ter se tornado inadequado para a luta dos trabalhadores contra as duas espécies de “Estado corporativo” que existem no fascista e na chamada democracia. países hoje. A ênfase no princípio da produção de mercadorias, isto é, a produção para a troca, para um mercado anônimo e sempre alargado, era ao mesmo tempo uma ênfase nas funções positivas e progressistas que o capitalismo iria cumprir através da expansão da sociedade “civilizada” moderna em todos os aspectos. em todo o mundo e, como disse Marx, “transformando o mundo inteiro num mercado gigantesco para a produção capitalista”.... Os trabalhadores, em todas as suas divisões, tiveram uma grande participação nessas ilusões de produção de mercadorias e na sua expressão política, ilusões de democracia.” Em Karl Korsch, "The Workers' Fight against Fascism," *Living Marxism*, 3 (Inverno de 1941), pp. 48-59.

⁹⁹Korsch, “A Contra-Revolução Fascista”, *op. cit.*, pp. 38-40.

envolveu-se cada vez mais na análise da decomposição e recomposição do mosaico nacional e internacional de actividades capitalistas. A sua insistência, criticada por Korsch ¹⁰⁰, nos aspectos mais diplomáticos e políticos da solução de guerra extrema para uma crise que não tinha outra resolução, permitiu a Mattick identificar uma “tendência mundial” de desenvolvimento capitalista. Ao sublinhar teimosamente a unidade *essencial* do problema fundamental (a superação das dificuldades de valorização), Mattick rejeitou vigorosamente todas as abordagens “milénaristas” baseadas na visão ideológica de um Capital como um Moloch sem contradições internas. (Langerhans e Korsch basearam-se neste tipo de relato a sua antecipação de uma ruptura revolucionária inteiramente externa ao capital como a única alternativa à destruição total.)

As afirmações de Mattick de que a crise não é o resultado de problemas de troca (e, portanto, não pode ser resolvida pelo Estado que regula o perturbado mercado mundial ¹⁰¹), mas o resultado da interrupção do processo de acumulação detalhou uma série de consequências analíticas importantes. Eles permitiram associar a “violência extra-económica” fascista às organizações laborais do New Deal, aceitando e internalizando as regras “económicas” do jogo, ao mesmo tempo que trouxeram à luz o automatismo cego com que o capital total se afirmou sobre determinados grupos capitalistas. Por um lado, o nível “quantitativamente” diferente do modo de acumulação (e as correspondentes “dificuldades” relativas a ele) explicou a diferença que, no nível internacional, definiu a resposta fascista – baseada no “retorno à extração de poder absoluto”. mais-valia” (Sohn-Rethel) – além da do bloco anglo-americano. Por outro lado, a “transcendência” da lei do valor que regula o “capital total” permitiu o esclarecimento dos conflitos existentes entre os vários grupos de interesse económico dentro das nações capitalistas que lutam entre si ¹⁰².

Ligando as diferenças internas dos grupos capitalistas dominantes aos problemas de valorização do capital (a causa da crise), Mattick conseguiu explicar a relativa

¹⁰⁰Sobre isso, ver a carta de Korsch a Mattick, 7 de dezembro de 1938, no volume de correspondência, *Arbeiterbewegung ...*, op. cit., pp. 196-197.

¹⁰¹Para uma discussão sobre as relações entre a crise e o mercado mundial, cf. Christel Neusüss, *Imperialismus und Weltmarktbewegung des Kapitals* (Erlangen, 1972), especialmente pp. 200-210, onde há uma crítica a Eugen Varga, *Die Krise des Kapitalismus und ihre politischen Folgen* (Frankfurt am Main, 1969).

¹⁰²Cf. Paul Mattick, "The World War in the Making", *Correspondência do Conselho Internacional*, 6 (novembro de 1938), pp. 129-139; "A guerra é permanente", *ibid.*, 1 (primavera de 1940), pp. 1-27, e "Dois Homens num Barco", *ibid.*, 6:1 (outono de 1941), pp. 47-48.

autonomia dos projectos políticos rooseveltianos e fascistas sem os identificar com a soma total das vontades capitalistas particulares, revelando a sua evolução lenta e atormentada para o “capitalismo cerebral total”¹⁰³. É claro que não se pode afirmar que desta forma ele tenha resolvido *ante litramam* o problema da “autonomia” ou “heteronomia” do regime nazi em relação às forças económicas dominantes. No entanto, Mattick forneceu-nos um modelo teórico rigoroso da crise e uma chave interpretativa útil para uma análise marxista do fascismo e, de forma mais geral, da função do Estado nas sociedades capitalistas tardias.

Publicado originalmente como uma introdução a Paul Mattick, Karl Korsch e Hans Langerhans. Capitalismo e Fascismo versus Guerra (Florença. 1976). Tradução para o inglês de William Boelhower.

Esta versão de Telos #30, inverno de 1976.

¹⁰³A base metodológica da análise de Mattick pode ser atribuída à sua ênfase, seguindo Grossmann, na categoria "capital em geral" (*Kapital im allgemeinen*) como distinta e, no nível empírico, muitas vezes oposta a "capitais múltiplos" (*viele Kapitalien*). Este critério permite-lhe evitar uma identificação abstracta entre “Estado” e “capital”, particularmente perigosa quando se trata de analisar a estrutura económica e institucional específica do fascismo. Tal como no caso da Alemanha de 1929, os grupos capitalistas dominantes, reduzidos pelo esgotamento da "ofensiva racionalizadora" - muito longe, portanto, de serem integrados naquele "plano de Estado" que recentemente foi reproposto pela enésima vez como um cânone histórico-hermenêutico no volume *Die "andere" Arbeiterbewegung de Karl H. Roth* (Munique, 1974) - estavam de acordo *apenas* sobre a necessidade, mas não sobre o modo de suspender as "leis livres" do mercado competitivo. Isto fica claro nas análises de Alfred Sohn-Rethel. Os seus estudos sobre o nacional-socialismo, recentemente publicados no volume *Oekonomie und Klassenstruktur des deutschen Faschismus* (Frankfurt am Main, 1973) têm um valor histórico excepcional, uma vez que surgiram durante o período (1928-1936) da sua colaboração com o *Mitteleuropäischer Wirtschaftstag* (MWT). como assistente do Dr. Hahn e como membro da *Redaktionskonferenz* do *Deutsche Führerbriefe* (a correspondência política e económica privada que foi fundada em 1928 por Otto Meynen e amigo de Schacht, Franz Reuter). Deste “observatório excepcional” (como ele o chama) intimamente ligado aos “donos da economia” (altos funcionários do Reichswehr, os proprietários de grandes empresas agrícolas, os amigos de Hindenburg e Schacht, etc.), Sohn-Rethel foi capaz de acompanhar as atividades do *ökonomische Charaktermasken* representado pelo *Wirtschaftsführer* e, portanto, o processo que levou àquela “concentração de grandes interesses capitalistas” que em 1933 tornou possível a chegada da ditadura. Não podemos considerar aqui as linhas de uma interpretação nova e mais precisa do contexto económico e político do regime nacional-socialista que emerge das considerações de Sohn-Rethel. Limitar-nos-emos apenas a sublinhar que a sua hipótese de base - o fascismo como *regresso a uma extracção de mais-valia absoluta* - se baseia nas premissas teóricas gerais que, embora convergindo com a perspectiva de Mattick, parecem negar a hipótese aparentemente sempre viva de uma possível “Alternativa Keynesiana” ao “Keynesianismo” de Hitler.